



**VENI CREATOR CHRISTIAN UNIVERSITY  
MASTER'S DEGREE IN EDUCATION SCIENCES**

**COSME GOMES MARINHO**

**FATORES QUE LEVAM A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAL DE  
GOIANA-PE: UM ESTUDO DE CASO**

*FACTORS THAT LEAD TO VIOLENCE IN MUNICIPAL. PUBLIC SCHOOLS IN  
GOIANA-PE, A CASE STUDY*

**ORLANDO-FL-USA  
2021**

**COSME GOMES MARINHO**

**FATORES QUE LEVAM A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAL DE  
GOIANA-PE: UM ESTUDO DE CASO**

*FACTORS THAT LEAD TO VIOLENCE IN MUNICIPAL. PUBLIC SCHOOLS IN  
GOIANA-PE, A CASE STUDY*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University, como parte dos requisitos para obtenção do título de Master in Education Sciences.

**Orientador:** Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira.

**ORLANDO-FL-USA  
2021**

**International Cataloging-in-Publication Data  
Library - VCCU**

C834f      Gomes Marinho, Cosme

Factors that lead to violence in municipal. Public schools in Goiania-PE, a case study / Cosme Gomes Marinho. – Flórida-USA: Veni Creator Christian University - VCCU, 2021.

70f.

Master in Education Sciences - Veni Creator Christian University - VCCU, Florida-USA, 2021.

Advisor: Auricélia Lopes Pereira, PhD

1. Public school. 2. Violence. 3. aggression and teachers. I. Title.

CDU 370=(134.3)

**COSME GOMES MARINHO**

**FATORES QUE LEVAM A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAL DE  
GOIANA-PE: UM ESTUDO DE CASO**

*FACTORS THAT LEAD TO VIOLENCE IN MUNICIPAL. PUBLIC SCHOOLS IN  
GOIANIA-PE, A CASE STUDY*

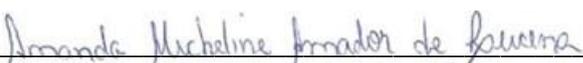
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University, como parte dos requisitos para obtenção do título de Master in Education Sciences.

**Orientador:** Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira.

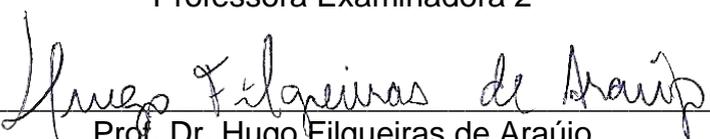
Aprovada em: 21/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Amanda Micheline Amador de Lucena  
Professora Examinadora 1

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marcela Tarciana Cunha Silva Martins  
Professora Examinadora 2

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hugo Filgueiras de Araújo  
Professor Examinador 3

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primordialmente ao Pai celestial, que me deu o sentido da existência;

A minha orientadora Auricélia Pereira, por me inspirar competência;

Aos meus professores, que me guiaram pelos caminhos da sapiência;

A minha família por toda paciência investida;

Aos coordenadores pelas habilidades no tratamento;

Aos colegas lutadores que tanto me incentivaram a persistir;

A todos que de forma direta ou indireta me incentivaram.

## RESUMO

A princípio, este trabalho procura trazer para discussão alguns fatores e as diversas formas de violência ocorrida, em especial, nos espaços escolares da rede pública de Goiana - PE. Nossa intenção é destacar as causas e consequências da violência física e psicológica dos sujeitos envolvidos neste cenário. Dentre as várias formas de violências, uma delas é bem pertinente ser enfocada neste contexto: o bullying. A pesquisa em estudo tem por objetivo mostrar alguns fatores que instigam a violência no ambiente escolar entre alunos, professores, gestores e funcionários que atuam nas unidades do ensino municipal de Goiana. A intenção deste trabalho não é esgotar a temática em si, mas contribuir para uma escola em que o caminho do respeito, da solidariedade, da inclusão, da aprendizagem com qualidade e da paz seja alcançado. Participam como sujeitos da pesquisa três escolas municipais da cidade de Goiana. A metodologia utilizada ao longo do trabalho de coleta de dados foi através de entrevistas formais por meio de um questionário semiestruturado, que está disponível em anexo, onde as perguntas foram realizadas visando ao relato de fatos e acontecimentos ocorridos interno e externo do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Escola Pública, Violência, Agressões e Professores.

## **ABSTRACT**

At first, this work seeks to bring to discussion, some factors and the various forms of violence that occurred in particular in the school spaces of the public network of Goiana-PE. Our intention is to highlight the causes and consequences of the physical, psychological violence of the subjects involved in this scenario. Among the various forms of violence, one of them is very pertinent to be focused in this context, bullying. The study research aims to show some factors that instigate violence in the school environment between students, teachers, managers and employees who work in the units of the municipal education of Goiana. The intention of this work is not to exhaust the theme in itself, but to contribute to a school where the path of respect, solidarity, inclusion, quality learning and peace is achieved. Three municipal schools in the city of Goiana are participating as subjects of the survey. The methodology used throughout the data collection works was through formal interviews by means of a half-structured questionnaire that is available in the annex where, the questions were carried out in order to report facts and events occurring internally and Outside of the school environment.

**Key words:** Public school, violence, aggression and teachers.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - ESCOLA MANUEL BORBA.....	49
TABELA 2 - ESCOLA IV CENTENÁRIO .....	49
TABELA 3 - ESCOLA EDITH GADELHA .....	49
TABELA 4 - COMPARAÇÃO DAS ESCOLAS.....	58

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ESCOLA MANUEL BORBA .....	52
GRÁFICO 2 - ESCOLA IV CENTENÁRIO .....	54
GRÁFICO 3 - ESCOLA EDITH GADELHA .....	56
GRÁFICO 4 - COMPARAÇÃO DAS ESCOLAS .....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	15
2.1 Objetivo Geral .....	15
2.2 Objetivos Específicos: .....	15
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	16
3.1 Revisão da Literatura .....	16
<b>3.2 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA</b> .....	17
3.2.1 Conceitos e Tipos de Violência na Escola.....	17
<b>3.4 TECNOLOGIAS, VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO DO LAR</b> .....	19
<b>3.5 BULYING E OS EFETOS PSICOLÓGICOS E COMPORTAMENTAL DO ADOLESCENTE</b> .....	21
<b>4 CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	22
4.1 Alguns Pressupostos e Princípios Prévios .....	22
<b>5 CAPÍTULO I - A VIOLÊNCIA</b> .....	26
5.1 Os Caminhos da Violência .....	26
<b>5.2 CAPÍTULO II ANÁLISE SOBRE O TEMA VIOLÊNCIA</b> .....	31
5.2.1 Agressividade ou Atos de Violência .....	31
<b>5.3 CAPÍTULO III – CONCEITUANDO VIOLÊNCIA ESCOLAR</b> .....	38
5.3.1 - Fragmentos de uma Visão Psicanalítica .....	38
<b>5.4 CAPÍTULO IV – * ANALISANDO O OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR</b> .....	42
<b>6 METODOLOGIA</b> .....	44
6.1 Métodos e Material .....	44
<b>6.2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	46
<b>6.3 APLICAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS NAS ESCOLAS</b> .....	49
6.3.1 Escola Manuel Borba .....	49
<b>7. RESULTADOS</b> .....	50
7.1 Análise dos Resultados:.....	50
7.2 Escola Manuel Borba .....	50
7.3 Escola IV Centenário .....	53
7.3 Escola Edith Gadelha.....	55

<b>7.4 COMPARANDO AS ESCOLAS:</b> .....	58
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>APÊNDICE 1 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	65
<b>APÊNDICE 2 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	66
<b>APÊNDICE 3 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	67
<b>APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO</b> .....	68

## 1 INTRODUÇÃO

A questão da violência e da segurança cidadã são fontes de preocupação, não apenas de uma cidade isolada do Brasil, mas também em todo mundo. A preocupação cresce quando se verifica, por meio de diversas pesquisas, que tal violência atinge a todos os seres da união e, em particular, os jovens estudantes e professores que atuam na maioria das escolas públicas municipais de Goiana. Esses sujeitos são os principais atores e vítimas dessa violência. É nessa comunidade e meio social que ocorre a maior incidência de violência como homicídio, bullying, suicídio e diferentes tipos de agressões dentro do *lócus* escolar.

Agressividade, do verbo agredir, ato ou efeito de provocar agressão ou violência contra alguém. Segundo Aurélio, (2001. p.14): acometer, atacar, injuriar, ter conduta hostil, bater em surrar, incomodar.

Esquierro (2011, p.11) comenta que,

De acordo com a Organização Panamericana de Saúde (1985), a juventude e a adolescência se diferem em suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Sendo que, no processo biológico, se processa o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Já o conceito de juventude se resume a uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional.

Isso implica dizer que, por mais que os seres humanos tenham evoluído, ainda perdura a agressividade descabida na sociedade, na escola e dentro da sala de aula. Não foram poucos os tratados já escritos sobre a importância da efetividade na educação; porém, alguns educandos ainda vêm demonstrando várias atitudes agressivas dentro da sala de aula. Essa agressividade nada mais é do que uma forma de pedir ajuda ou mesmo de "retribuir" uma violência silenciosa, aquela que vem da indiferença do professor, dos pais e dos próprios colegas na rua.

Para alguns especialistas, crianças e adolescentes em formação vivenciam todos os dias adultos resolvendo seus problemas aos gritos, com violência e sem demonstrar nenhuma gentileza. Portanto, percebe-se que tudo isso só instiga a agressividade que dia pós dia aumento porque as relações humanas estão esquecidas, os conteúdos planejados para cada bimestre passaram a ser mais importante do que o aluno, a disciplina voltou a ser imposta como forma de coerção.

Vale também salientar que outra mudança que tem interferido nas relações sociais são as novas configurações familiares. Por exemplo, pais solteiros, mães inseridas no mercado de trabalho, pais separados que se afastam dos filhos. Esses pressupostos precisam ser revistos pela escola e pela família que precisam arrumar mecanismos capazes de fazer as pazes, passem a se apoiar e não procurar um culpado pelos sintomas como indisciplina, bullying e/ou transtornos de aprendizagem. A seguir definiremos com mais detalhes todo desfecho da pesquisa em contexto.

No primeiro capítulo (Revisão Bibliográfica) abordaremos algumas literaturas e estudiosos da temática e os conceitos e tipos de violência, agressividades que ocorrem, não só na sala de aula como também na sociedade de modo geral, suas consequências e implicações para a saúde física, mental e emocional e para os envolvidos em situações de conflitos e violência, tanto no âmbito familiar quanto no escolar e social.

No segundo capítulo descreveremos o perfil das escolas públicas municipais de Goiana, suas políticas educacionais, projetos e programas ativos no contexto educacional, além dos avanços e dificuldades. No mesmo capítulo, tentamos trazer alguma proposta do combate à violência por meio da mediação e interação social, tentando minimizar os conflitos básicos e os usos mais recorrentes nesse processo. E o terceiro capítulo descreverá os dados colhidos através do questionário propostos para professores e alunos que fizeram parte da amostragem dentro e fora das escolas envolvidas.

Esquierro (2011, p. 12), comenta que,

As escolas podem resolver seus conflitos com a ajuda de um professor mediador, ou por meio de uma equipe gestora que tenha conhecimento do processo de mediação. A mediação feita pelo diálogo constitui uma forma de prevenir futuros conflitos, pois apela a um espírito de colaboração, respeito e responsabilidade e não a cultura de culpa e imposição de soluções.

Isso nos faz entender que o conflito é uma parte inevitável da vida e, geralmente, ocorre entre as pessoas com convívio diário, ou não, seja na família, no trabalho, na rua ou na escola. Ou seja, o conflito pode ser considerado como um processo no qual duas ou mais pessoas buscam soluções para resolução de seus problemas, tendo na pessoa do mediador a imparcialidade, num clima de respeito e

de confiança. Nesse caso, tal mediador pode contribuir para que as partes envolvidas no problema cheguem voluntariamente a um acordo, buscando um caminho pacífico e sem agressão física para solucionar o problema pendente.

Diante desse contexto, a pesquisa em estudo se justifica pelo fato de que, por muito tempo, percebe-se que o problema da violência nas instituições da rede municipal de ensino vem se agravando, aumentando radicalmente o índice de evasão e repetência dos alunos na rede pública de ensino. Há uma grande dificuldade, por parte de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, bem como na segurança, em mudar e redirecionar os procedimentos com relação aos alunos e pais, pois a polícia sempre foi vista como um órgão punitivo e repreensivo do sistema.

Desta forma, alunos, professores e comunidade em geral, não acreditam que os órgãos da polícia possam realizar um trabalho conjunto com os membros das escolas para evitar e prevenir a violência nas mesmas, contribuindo assim, para o sucesso e a permanência dos alunos nas escolas.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral:**

Investigar os fatores que geram conflitos e a violências escolar na rede pública municipal de Goiana-PE.

### **2.2 Objetivos Específicos:**

- ✓ Analisar como a literatura científica trata a temática violência.
- ✓ Investigar o conceito de violência escolar a partir da Literatura especializada.
- ✓ Analisar o olhar dos professores com relação às causas de violência escolar.

Diante do exposto, pretende-se neste trabalho compreender quais os pontos fortes e geradores da violência escolar. Para isso, será feita uma análise dos dados coletados nas escolas envolvidas. Para alcançar tais objetivos, contamos com os significados e as conceituações dos pesquisadores e estudiosos que vêm se

ocupando da temática, levando em conta impasses e desafios que se enfrentam na delimitação do conceito violência escolar.

### **3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **3.1 Revisão da Literatura**

Nessa pesquisa fez-se necessário a seleção de alguns livros e artigos para clarear os caminhos a se seguir nas atividades a que se propõe a dissertação. A agressividade na escola não é uma realidade nova, não é pouco que se tem escrito sobre esse tema. Com a reunião dessas referências foi realizada a pesquisa.

Iniciou-se com o artigo de Malta (2009) que faz uma reflexão sobre a questão da Bullying na escola brasileira, onde ela até ali buscam as fontes que dão origem a tal prática, em suas mais variadas manifestações.

O livro de Abramovay ali, *Violências das Escolas*, também serviu de alicerce para este trabalho, pois cada capítulo abordado pela autora está relacionado com o problema da agressividade, interferindo na metodologia, no ambiente escolar, no funcionamento e relações sociais, na questão da exclusão social e racismo, aponta também para os praticantes e vítimas e fala sobre suas repercussões.

Rossini, com sua *Pedagogia Afetiva*, foi muito útil por mostrar como encaminhar os problemas de relacionamento na escola e entre alunos, como valorizar essas pessoas para melhor rendimento escolar.

Kabarite (2014), com *Psicomotricidade em grupo*, utilizando GROWING UP como recurso de interação terapêutica, deixou uma aprendizagem de como funcionam os órgãos do corpo humano, principalmente os mentais e motores, que estão ligados à inteligência e à lembrança.

Gadotti (2007), também foi um livro útil porque veio de encontro ao objetivo dessa pesquisa, que também é preparar os caminhos para a educação em um novo mundo. Embora as razões “porque devemos mudar o mundo?” a quem interessa o que é esse outro mundo etc. Somente buscando as bases do problema que afeta a educação, que se pode melhorar o mundo.

A *História das Ideias de Paulo Freire*, de Scocuglia (2003) serviu para mostrar as facetas da pedagogia freireana numa postura político-pedagógico,

fazendo manifestar-se o homem pensante, em desafio a estrutura dominante do poder contra o dominado, onde surgem elementos da atual crise de paradigmas.

Em *Jogos e Brincadeiras na Escola*, de Ramos (2014) percebeu-se a grande importância e utilidade para os conhecimentos psicolinguísticos, psicomotor, cognitivo, socioafetivo, abordado pela autora, uma variada lista de atividades, psicopedagógicas que sugestionou ser vivenciada nas escolas, como caminho para estimular a engrenagem de aprendizagem. *A Invenção do Cotidiano*, de Certeau, serviu de fonte para se tomar conhecimento a respeito de “os modos de proceder da criatividade cotidiana, apontando a apropriação das práticas usuais na criatividade.

Romanelli (2005) estampou os problemas da educação no Brasil nos anos 1930/1973 num contexto histórico. Isto ajudou a situar que os problemas de aprendizagem vêm desde décadas passadas e estava enraizado na rotina histórica da educação. Isso inclusive serviu de base para o pesquisador situar o problema da agressividade em sala de aula.

Thomaz (2009) contribuiu com seu livro: *Imaginário, Educação e Cultura*, pois não se faz escola sem o imaginário. A partir desse, o grupo buscou subsídios para desenvolver o imaginário dos alunos, após estímulos positivos, enfraquecendo as ações agressivas.

Não poderia ficar de fora autores como Birmam, com sua macro visão a respeito do mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação, um de ele apresenta abordagem psicanalítica, atuando nessa ação; Ferrari, com seu tratado sobre agressividade e Violência, trilhando os caminhos da psicanálise, como suporte para as atitudes do sujeito na sociedade. Outra autora, Souza, faz uma análise da sociedade moderna à luz da psicanálise clareando os fatos diários que uma parte da sociedade teima em ignorá-los. É mais fácil penalizar o professor. Vasconcelos discute as novidades nos atos de violência, mostrando as várias facetas do psiquismo humano.

## **3.2 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

### **3.2.1 Conceitos e Tipos de Violência na Escola**

A violência nas escolas, públicas e privadas, tem chamado atenção pelo aumento significativo de ocorrências. As formas de violência ocorrem das mais

variadas maneiras, atingindo não somente o núcleo da comunidade local, mas toda sociedade no sentido geral (LIMA, 2009). Isso implica dizer que essa violência contempla os atos que se exercem para impor ou obter algo através da força. Ou já, trata-se de ações deliberadas que podem causar danos físicos ou psíquicos as pessoas.

Nesse sentido, a presente pesquisa destina-se à reflexão e análise dos aspectos que envolvem questões relacionadas à violência no âmbito escolar, a partir do levantamento de dados realizado na cidade de Goiana/PE e alguns dados estatísticos da região Nordeste. Segundo Abramovay (2002 apud Lima, 2009),

[...] nenhum conceito sobre a definição de violência escolar chega a ser consensual entre os pesquisadores, em razão do conceito dado ao fato. Isso porque o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do ponto de vista do interlocutor (professores, diretores, alunos, pais...), do acúmulo cultural e sociológico que esse interlocutor possui, da idade e do sexo, além de variantes como o lugar, o tempo e a forma como examinam.

Corroborando com o autor, pode-se dizer que não há um conceito fechado ou uma definição específica acerca do tema e levando em consideração que a existência de violência no interior das escolas afeta de maneira significativa não só o rendimento dos alunos como também a didática e a metodologia dos professores. Portanto, nesse capítulo tentaremos abordar de forma sucinta, as possíveis causas de violência no interior das escolas públicas municipal de Goiana. Como também buscar nas literaturas estudadas, algumas formas de superação e prevenção dessa violência.

Dentre os vários fatores que levam a juventude a se comportar de maneira violenta, estão intrinsecamente os ligados a sua condição financeira e social, tais como miséria, falta de moradia, de lazer, apoio do Estado ou mesmo de políticas voltadas para este público (TEIXEIRA, PORTO, 1998). Outros pesquisadores defendem que a violência que as crianças e os adolescentes exercem é, antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles. Assim, pode-se citar que dos mais diferentes tipos de violência praticados dentro das escolas, Lima (2009, p. 6) destaca:

- a) VIOLÊNCIA CONTRA O PATRIMÔNIO - É a violência praticada contra a parte física da escola. (Colombier ET al. 1989)
- b) VIOLÊNCIA DOMÉSTICA - É aquela praticada por familiares ou pessoas ligadas ao convívio diário de crianças e adolescentes.

c) VIOLÊNCIA SIMBÓLICA - É a violência que a escola exerce sobre o aluno quando anula a capacidade de pensar e o torna ser capaz somente de reproduzir. (ABRAMOVAY: RUA, 2002, p.335)

d) VIOLÊNCIA FÍSICA - São "brigas, bater, matar, estuprar, espancar, roubar, uso de arma de fogo, e participações em atividades de gangues". (ABRAMOVAY, 2002, p.317).

Debarbieux (1999, p. 74) comenta que as pesquisas voltadas para essa temática demonstram que [...] a violência nas escolas deve ser analisada macro e microsociologicamente, enfatizando que suas causas são tanto exógenas, relacionadas ao bairro, ao sistema econômico, às falhas familiares ou das políticas públicas, quanto endógenas, associadas a graus de organização ou de desorganização local, nos quais os atores não são apenas agentes impotentes, manipulados por forças políticas externas, nem tampouco populações que, em si mesmas, representam um perigo.

SHILLING (2004) percebe que a maioria dos trabalhos feitos até hoje tem em comum é afirmar que a violência está presente na escola, nos mais diferentes países e se manifesta sob múltiplos aspectos. Então, o diferencial entre eles é a forma de abordagem do fenômeno, o que permite estabelecer tendências entre os trabalhos realizados de acordo com sua origem.

De todos os tipos de violência praticados, a escola tem sido um espaço preferido pelos jovens que aprendem diariamente, se não no meio social, mas com os filmes e programas que estimulam a violência.

Apesar de aqui se tratar de uma questão nacional, é importante saber que (Abramovay, 2002, P. 24) Na Europa, especialmente na França os pesquisadores têm dedicado ao estudo das incivildades no meio escolar. Compreende-se melhor o que são incivildades por meio da descrição empírica. Dupaquier (1999) refere-se a:

- \* delitos contra objetos e propriedades (quebra de portas vidraças danificações de instalações etc.);
- \* intimidações físicas (empurrões, escarros) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças);
- \* descuido com o asseio das áreas coletivas (banheiros, por exemplo);
- \* ostentação de símbolos de violência.

### 3.4 TECNOLOGIAS, VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO DO LAR

Depois da Globalização Cultural, o país que não aderiu ao sistema, simplesmente ficou para trás e sofre as consequências de mão de obra ainda em

ritmos artesanais, o que aprofunda cada vez mais o abismo entre as nações industrializadas e as que ainda se sustentam num produto primário, para sua sobrevivência econômica.

A globalização cultural assumiu um relevo especial com a chamada “viragem cultural” da década de oitenta, ou seja, com a mudança de ênfase, nas ciências sociais, os fenômenos sócio-econômicos para os fenômenos culturais. A “viragem cultural” veio reacender a questão da primazia causal na explicação da vida social e, com ela, a questão do impacto da globalização cultural. (SANTOS, 2005, P. 44)

Pelo fato do ser humano estar envolvido com tanta tecnologia, às vezes esquece-se de fazer uso do humanismo do qual é dotado. Esquece que sem o homem as máquinas não funcionam. Que a máquina tem que ficar a mercê do homem, não o homem ficar a mercê da máquina. Por isso Rossini (2007) diz; a tecnologia deve estar a serviço de pais e professores, apenas como instrumento, nunca com a intenção de substituí-lo.

Nosso desafio será acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem esquecer que temos em mãos seres humanos em formação. Precisamos de uma educação mais humanista, voltada para o ser humano em suas características de um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção. (ROSSINI, 2007. P. 9)

Trabalhos de pesquisa nesse campo tem sido feito; porém, normalmente, esquecem de que muitas vezes atitudes do aluno podem redundar numa agressividade. Isso ocorre, afetando o QI do aluno, prejudicando seu modo de pensar e agir. “O ser humano pensa, sente, age. Ele pode ter um quociente intelectual (QI) altíssimo, porém, se seu sentir estiver comprometido ou bloqueado, a sua ação não será energizante, forte, eficaz, produtiva. (ROSSINI, 2007, P. 15)

Este discurso transita pelos caminhos da idéia e/ou subjetividade que está sempre ao lado do ser humano. A força do imaginário há tanto estudado por Freud é uma ALAVANCA PROVOCADORA DA AÇÃO NARCISISTA do sujeito, o que é reforçado na tese de Birman.

A relação dual narcísica, na mortal armadilha da ilusão da completude imaginária, pé convocada como eixo estruturante da subjetividade contemporânea. Deveríamos, portanto, passar do paradigma da estrutura neurótica para analisar o potencial heurístico da perversão em lançar luz sobre o mal-estar na atualidade. A idéia de uma captura da subjetividade contemporânea no registro do imaginário, em detrimento do simbólico,

conceitei a principal contribuição do autor para uma interpretação psicanalítica da Cultura. (BIRMAN, 2001. P.186)

### 3.5 BULYING E OS EFETOS PSICOLÓGICOS E COMPORTAMENTAL DO ADOLESCENTE

Comumente se tem colocado o jovem como ator da violência, sem uma análise da origem dessa. A origem muitas vezes está na própria escola, voltando à afirmativa: violência gera violência, tão popularmente falada. Vítima do próprio sistema que inadvertidamente estimula o aluno, o professor torna-se vítima ao anunciar a nota baixa do aluno. Este se sente humilhado diante dos amigos, experimentando ou revivendo o tão falado bullying. Tudo isso pode provocar revolta no sujeito, fazendo-o responder com agressividade. Diante desse contexto,

Há de se enfatizar, que a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma modalidade de violência ajuvenil, pois na ocorrência expressa à interação de três conjuntos de variáveis independentes: O institucional / escola, da família/, o social /sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, *status* socioeconômico/ e o comportamental / informação, sociabilidade, atitudes e opiniões. (ARAMOVAY, 2002. P. 14)

Esta pesquisa abordou um ponto primordial em que já se tornou evento corriqueiro na rotina educacional onde o professor sai sempre no prejuízo. Onde o professor é sempre vítima, deixando transparecer a fragilidade do sistema educacional, quanto à segurança do professor. Os questionamentos apontaram para uma vertente que poucos pesquisadores se debruçaram, sobre ela. A pedagogia foi aplicada sem distinção de hierarquia em busca da verdade.

A pesquisa, iniciada pelo levantamento dos paradigmas da agressão, trouxe um fato parecido novo, que a sociedade sempre deixou aquecer em *Banho Maria*, pois aí era mais fácil, porque já inferira a ideia de que o professor é sempre o vilão. Não captava em sua mente as agressões de que os jovens poderiam ser vítimas, e repassam investindo contra o professor, vem da própria sociedade. Isso interfere, diretamente no processo de ensino e aprendizagem, fazendo o rendimento escolar cair.

A magnitude do problema leva, via de regra, o cidadão a pensar que não há nada a fazer. O mesmo sentimento de impotência aparece com frequência

diante de tantos outros imperativos do discurso capitalista. (TEIXEIRA, 2008, P. 2)

Ninguém, em sã consciência, agride por agredir. Existe sempre uma causa. A escola, dentro de uma visão humanista, tem a função de educar. E esse vocábulo explode em significados e significantes. A verdadeira e principal educação deve estar direcionada para o bem, com grande investimento no amor.

Mas a sociedade está tão mecanizada que o amor passa a ser um plano secundário.

E juma grande percentagem adere à violência, normalmente como arma de defesa.

O tema da violência gera debates, vira notícias, cria polêmicas, incita a criação de movimentos estruturados e de organizações supra-estatais para combatê, além de medidas formais do Estado, mas nem todos as iniciativas se ocupam das suas causas e efeitos buscando definir as razões que as sustentam e suas implicações éticas. Ademais, tudo leva a crer que não basta explicar e compreender os mecanismos em questão, nem fazer apelos éticos. (TEIXEIRA, 2008, p. 2)

## **4 CONTEXTO HISTÓRICO**

### **4.1 Alguns Pressupostos e Princípios Prévios**

A educação no Brasil teve seu cunho pedagógico, quando os Jesuítas chegaram aqui, com o objetivo de impor a Língua Portuguesa aos índios e nativos, evoluindo depois, para os filhos de colonos e outros trabalhadores. Essa educação brasileira sempre caminhou lentamente, em busca de melhoramentos, pois segundo Romanelli (2005, p.13):

As incursões pelo campo da Educação Brasileira ajudaram-nos a elucidar alguma coisa. Em princípio, descobrimos que, substancialmente, pouca coisa se mudou na forma de encarar a educação que nos foi legada pelos Jesuítas. Depois pudemos verificar que houve tempo em que essa visão tinha uma razão de ser, dado o contexto sócio-cultural em que estava inserta a instituição escolar brasileira.

Toda sociedade tende a evoluir e toda educação tem suas raízes na escola. Escola aqui, no sentido amplo de educação. Escola antiquada, progresso emperrado. Faz-se necessário urgência nos processos de aperfeiçoamento educativo brasileiro. A educação precisa de espaços para se expandir na sociedade

como processo sócio político emancipatório. É preciso renovar sem necessidade de inovar.

Um projeto emancipatório exige novas formas de coordenação entre os que nele estão envolvidos. Sendo distintos os objetivos, assim serão também as relações, os métodos e os instrumentos. O jogo da disputa do poder é regido por uma lógica de exclusões, hierarquias e verdades únicas. Poder, mesmo que democrático, significa autoridade sobre. (GADOTTI, 2007, p. 13/140).

A Educação Brasileira não fluiu livremente do seu povo, com alicerce no homem primitivo, ela foi imposta por meio de uma língua desconhecida dos nativos, quando o europeu aqui aportou e apoderou-se da terra. O europeu via Portugal, aqui chegando, descobriu o Brasil (de novo, porque Colombo já havia feito isso!) fez obrigatório o uso da sua língua, por isso;

É bem verdade, que há pouco tempo, a ausência de interesse pela formação técnica pode ser debitada a influência de outros fatores, entre os quais sobressaem:

- a) primeiramente, a herança cultural que resultou do transplante de cultura letrada da civilização europeia para o Novo Mundo;
- b) depois o passado colonial criou a ordem social escravocrata e estigmatizou o trabalho manual e as profissões técnicas;
- c) finalmente a forma como se introduziu a industrialização nos países subdesenvolvidos, sobretudo o nosso, forma que acabou instituindo uma nova modalidade de transplante cultural – o da tecnologia criada nos centros de tradição da cultura ocidental. (ROMANELLI, 2005, p. 24)

A escola precisa se libertar das amarras do imperialismo autoritário, herança colonial, para alcançar uma escola de qualidade, realmente humana, uma escola livre de opressões e agressividades, uma escola liberta das amarras da injustiça, pois segundo (GADOTTI, 2007, P. 40:

A injustiça no mundo vem despertando muita indignação e muita rebeldia. Mas não basta estarmos indignados, berrar, gritar, nem para sermos ouvidos. Não basta rugir para mudar a ordem das coisas. Contra quem é essa indignação? É contra um sistema que “condena metade da humanidade à pobreza, um terço à miséria, 800 milhões à desnutrição e 1 bilhão ao analfabetismo; que deixa 1,5 bilhão sem acesso à água potável e 2 bilhões sem luz elétrica; que concentra a riqueza e a terra, fazendo com que 400 bilionários disponham de uma renda anual superior a 45% da população mais pobre (2,6 bilhões de pessoas); que banaliza as violências aos direitos humanos; que gera desemprego estrutural, a exclusão social e a insegurança nas grandes metrópoles; que justifica a depredação ambiental pelo imediatismo do lucro” (Dutra, 2005, p.3).

Percebe-se que as autoridades mundiais têm semeado algumas metas para dar qualidade à educação, mas uma boa semente apenas semeada, sem os

cuidados com o adubo, e irrigação e a limpeza do terreno, não é suficiente para dar bons frutos. Ainda aí percebe-se que o ranço patriarcal perdura, pois dificilmente tratam do assunto do comportamento ou postura do professor em sala de aula. O aluno já surgiu como o agressor, embora, na época a escola agredia o aluno com castigos físicos.

Segundo Gadotti (2007. P.41):

[...] As nações Unidas, assumiu como meta para 2015:

- 1) Acabar com a fome e a miséria;
- 2) Dar educação básica de qualidade para todos;
- 3) Promover a igualdade entre sexos e a valorização da mulher;
- 4) Reduzir a mortalidade infantil;
- 5) Melhorar a saúde das gestantes;
- 6) Combater a AIDS, a malária e outras doenças.
- 7) Promover a qualidade de vida e o respeito ao meio ambiente: e
- 8) Todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento.

É fato que o Brasil teve alguma evolução no sistema educacional, porém pouco significativa, em relação a outros países. O sistema capitalista predomina desde o Brasil colônia e isso interfere no crescimento educativo e cultural. A herança colonial é muito forte. Está muito presente no imaginário brasileiro.

A economia brasileira fundada na grande propriedade e na mão-de-obra escrava teve implicações de ordem social e política bastante profundas. Ela favorece o aparecimento da unidade básica do sistema de produção, de vida social e do sistema de poder representado pela família patriarcal. O isolamento e a estratificação sociais, a princípio, basicamente dual, aliados à necessidade de manutenção de um esquema de segurança, favoreceram uma estrutura de poder fundada na autoridade sem limites do dono de terras. (ROMANELLI, 2005, P. 33).

As leituras raras, que se tem feito na escola, muitas vezes caem no vazio, porque não são estruturas críticas. É preciso fazer uma leitura mais acurada dos problemas de agressividade na Escola. Essa vilã tem provocado sequelas no processo de aprendizagem, pois segundo Certeau (2008 P.263/263):

A leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental. Numa sociedade sempre mais escrita, organizada pelo poder de modificar as coisas e reformar as estruturas a partir de modelos escritos (científico, econômico, político); mudada aos pouco em "textos" combinados (administrativos, urbanos, industriais etc.) pode-se muitas vezes substituir o binômio produção-consumo por seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita leitura.

A década de 30 foi muito tumultuosa e baldeou sobremaneira a economia brasileira e a educação não tomou parte, porém permanecia amordaçada. A preocupação política capitalista não fez a educação agitar-se, porém crescia a preocupação política capitalista que não fez a educação agitar-se, porém aumentava a defasagem e o relacionamento pessoal entre educador e educando; ainda era o educando quem tinha que obedecer ao educador, pois a esse educador foi dado certo poder. O aluno simplesmente respeitava o professor, embora por questão de medo. Mas não impede os movimentos políticos e sociais deixarem de mexer com os alicerces da educação. Por isso (ANTONELLI, 2005, P. 58/59) afirma:

A análise que nos propomos a fazer daqui para frente diz respeito ao problema da defasagem entre a educação e o desenvolvimento, defasagem que, ao nossos ver, se vem acentuando com a passagem de um modelo econômico para outro. Limita-se, portanto, esta análise a constatação da distância que vai se ampliando entre os produtos acabados oferecidos pela escola e aquilo que o referido modelo está a exigir relativamente à formação de recursos humanos. Como a vigência de tal modelo não propôs mudanças estruturais profundas na escola, as exigências educacionais foram pronunciadamente exigências relacionadas com o ensino e, muito raramente com a pesquisa.

Com os avanços tecnológicos mundiais, os países tiveram que tomar uma posição de desenvolvimento, senão cairia no ostracismo ou cairia num profundo abismo. Porém pouco se aplicou na educação, por muitos anos. O percentual das verbas direcionadas para educação foi descumprido e a escola caminhou no seu tradicionalismo, dificultando a alavancada para o progresso. (Mas, como diz Gadotti (2007, P. 43) “O capitalismo era a ilusão de que as oportunidades são iguais para todos, a ilusão de que triunfam os melhores, os mais trabalhadores, os mais diligentes, os mais econômicos”...). Por isso faz-se necessário urgência para encontrar formas anticapitalista de produção, uma forma de criar outro mundo. Um mundo de igualdade de oportunidades.

Precisamos de outro modo de produzir e reproduzir nossa existência. No planeta o modo capitalista nos levará ao desastre, outro mundo necessário. E temos a necessidade de crer nas possibilidades. Outra globalização é possível e necessária. (GADOTTI, 2007. P. 43)

Mas a história da educação também precisa colocar em evidência o problema de alunos que agredem o professor, ou mesmo o aluno se tornando agressivo por se considerar arauto da situação. Mesmo sabendo que a violência

vem acompanhando o homem desde sua origem, ou mesmo antes, pela necessidade de sobrevivência caso se aceitem na hipótese de Darwin. Mas de lá pra cá já houve significativas evoluções, pois:

Mesmo admitindo que a presença de atos violentos nas relações humanas não é um fenômeno novo na história, é inegável que a violência hoje apresenta novas configurações e estranhas expressões que nos levam à forte sensação de que estamos vivendo um tempo de descontrole, num “*caos movediço*” onde nos sentimos cada vez mais inseguros, tormenta dos, e porque não dizer, infelizes. (VASCONCELOS, 2005, P. 1)

Alguns autores e críticos admitem a expressão e acreditam na falência das escolas porque acham que “a escola já não é capaz de desfazer a ilusão relacionada à improbabilidade real de um jovem pobre tornar-se uma celebridade milionária, sendo jogador de futebol, *top model*, ou cantor de funk” (SOUZA, 2008, P.22).

No entanto, autores psicanalíticos apresentam outro prisma, inclusive ligado ao mercado que influencia.

Outros autores, alguns deles psicanalistas, falam desse curto-circuito manifesto pela violência escolar como sintoma do mal-estar da cultura, referido como a flutuação das referências, como efeito de merecedor sobre instituições, como decadência das grandes narrativas legitimadoras, mediante as quais a modernidade acreditava em si mesma. Essa colocação ilumina um aspecto importante do problema, mas não desenha as inflexões específicas com que a crise da pós-modernidade atingiu a escola brasileira. (SOUZA, 2008, P. 22)

Assim, deu-se por concluído, nessa dissertação, o contexto histórico e, em tempo, passou-se as outras etapas.

## **5 CAPÍTULO I - A VIOLÊNCIA**

### **5.1 Os Caminhos da Violência**

A Pedagogia Humanista foi o primeiro passo para levar os educadores a empregar a não violência no meio educativo. No Brasil, a introdução à Pedagogia Humanista teve início com Paulo Freire, com sua escola Político-Pedagógica. Escola essa que sofreu descontinuidade com o Golpe Militar de 1964. Os projetos de

alfabetização, a Brigada de alfabetização para adulto avançava com uma formação do homem crítico. Mas o Golpe Militar fez um corte impiedoso.

O contexto inicial da produção de Freire foi marcado a nível macro-estrutural, pelo minimalismo-desenvolvimentista e pelo populismo. Entremeados pelo governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1955, P. 60) e pela posterior ascensão ao poder do “nacional populismo” de João Goulart (1961-64) e suas “reformas” de “base”, culminando o golpe civil militar de abril de 1964. (SCOCUGLIA, 2003, P. 30)

Apesar da pressão militar, o cidadão mesmo oprimido, teve senso crítico despertado e passou a perceber que com ódio não se faria uma educação voltada para o ser humano. Uma educação tem lutado pára afastar a violência, e se aproxima da tendência a formar seres humanos mais conscientes e mais felizes. Pois segundo Rossini (2007, p. 9), “A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte”. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência, de energia.

Os educadores fazem um reestudo a respeito do relacionamento com o aluno e muitos perceberam que a violência tem sido uma arma propulsora para transformar o estudante em agressor. Os estímulos negativos que recebem fazem as crianças abdicar da auto-estima e colheram frutos da violência numa aprendizagem voltada para a agressão.

Alguém já viu criança feliz ir mal na escola? Por que existem crianças que, de uma série para outra, passam a gostar da disciplina, multiplicando até seu desempenho? Tudo indica que é a troca do professor, e não do conteúdo, das disciplina, a responsável pela mudança. Portanto aprender deve estar ligado ao ato reflexivo: deve ser gostoso, prazeroso... (ROSSINI, 2007, P. 9)

Por isso, os alunos se voltam contra o professor em vida diária, muitas vezes o ser humano, age e funciona como uma máquina. Sacrifica seu lado afetivo, em prol der uma produção que lhe traga vantagens econômica. Nem sempre essa postura rende vantagens, pois que a mente trabalha muito, esquecendo seu próprio lado afetivo que é mais prazeroso. Arcando com um grande prejuízo emocional e, só mais tarde percebe o quanto perdeu.

Alvin Tofler é conhecido por suas análises sobre as grandes mudanças socioeconômicas da humanidade. Nesta análise das mudanças, ele se utiliza da metáfora das ondas:

\* Há dez mil anos surge à primeira onda (o homem deixa de ser nômade e caçador, provocando a revolução agrícola: fixa residência e faz surgir as grandes sociedades agrícolas do passado).

\* Há 320 anos surge a segunda onda (é a Revolução industrial, que dá origem à sociedade que tem como centro as fábricas).

Sobrepunhando-se a segunda onda, nos países desenvolvidos surge a terceira onda (ela é mais tecnologia e economia. É o conhecimento: o intelecto humano passa a ser o “capital”. A força física é substituída pela mental como fator de produção). (ROSSINI, 2007, P. 11/12)

Se as ações de violência conseguem atrair as crianças, não é com uma simples contra-ação que conseguirá impedir. Por mais que a criança seja inclinada a fazer uso da máquina, ela sempre vai precisar do emocional para crescer saudável e feliz, consigo mesma. Por isso faz-se necessário à escola descobrir que:

É preciso alinhar a educação da criança ao que mais diretamente afeta seu desenvolvimento global. Pais e educadores precisam saber diferenciar o que é modismo e o que é essência na educação. Alguns exemplos que vivenciamos: a) houve época em que se tentou substituir o professor pela TV na sala de aula. Ledo engano! Nada poderá substituir o professor pela TV na sala de aula. Ledo engano! Nada poderá substituir o professor na sua missão de educar. b) Pais e professores que utilizam fitas de vídeo para contar histórias infantis esquecem que o elo afetivo que se cria ao “contar” a história é que faz a diferença. (ROSSINI, 2007, P. 13).

O ser humano que desenvolve normalmente seu lado agressivo sente-se uma pessoa infeliz. Portanto criança feliz não é criança agressiva. Quando um trabalhador ama o que faz, produz com mais facilidade e propriedade. Logo a falta desse amor permeia a espécie humana, desde sua infância até a maturidade. No entanto é preciso ficar atento.

Não é suficiente ser pais e professores no mundo das crianças. É necessário estar presente, estar perto, como um espelho que reflete o lado de fora, como luz para as crianças. Uma criança em formação deve receber muita luz, para que alcance o estágio adulto com saúde e felicidade.

A criança é uma pessoa em desenvolvimento. Embora ela traga consigo conhecimentos, qualidades e características que precisa ser melhoradas, ela apresenta necessidades físicas e psicológicas, e a qualidade e intensidade dos contatos afetivos que ela estabelece com os adultos interfere diretamente no percurso do seu desenvolvimento. (RAMOS, 2014, p. 56).

A criança não pode se sentir oprimida, porque aí surgirá um bloqueio no seu intelecto, e ela fica se sentindo injustiçada por pagar por um crime que não cometeu. Segundo (SCOCUGLIA, 2003, P.56):

O que caracteriza os oprimidos, como consciência servil “em relação à consciência do senhor é fazer-se quase “coisa” e transformar-se, como saliente Hegel, “consciência para o outro”! A solidariedade verdadeira com eles está em com eles lutar para a transformação da realidade objetiva, que os faz ser este ser para outro” (FREIRE, 1984, P.37/38).

Ensinar e aprender é colocar em ação as atividades cerebrais, de forma dinâmica. O cérebro é o centro gerador de toda ação cognitiva que deságua na motricidade. Inclusive é aí que entra a ação corpo x mente em prol da aprendizagem. É aí que entra em ação todos os órgão do corpo, auxiliando na aprendizagem.

Toda aquisição cognitiva da criança, como postura bípede, manifestação próxima, compreensão auditiva, fala, leitura, escrita etc. é consequência de uma atividade simultânea e integrada dos centros de trabalho dispersos no cérebro.

Inicialmente são os centros mesencefálicos os responsáveis pelo comportamento motor do indivíduo e que produzem os reflexos não condicionados. (KABARITE, 2014, P.13).

Todo esse mecanismo cerebral tem um desempenho maior, quando recebe estímulos positivos, comportamentos afetivos, por isso um atividade em que se explora a arte, o belo, torna-se agradável às crianças. Cantar músicas, recitar versos, contar histórias cai nas graças da criança, estimula a manifestação do seu lado afetivo. Pode mudar o comportamento agressivo da criança.

Dentre os recursos pedagógicos de que dispomos os mais recomendados para trabalhar com os temperamentos são a música, a poesia, a dança, a palavra, os contos de fada, as fábulas, as histórias da mitologia grega ou de grandes personagens da humanidade, o contato com elementos da natureza (terra, água, ar, fogo), as artes plásticas, as dramatizações, as atividades físicas orientadas, os jogos inteligentes e recreativos. (ROSSINI, 2007, P. 96/970).

É preciso que o professor faça seu planejamento de tal forma que a criança possa participar, dando sua contribuição, reagindo contra os vícios da sociedade, desenvolvendo seu senso crítico, mas de forma agradável, afetiva, para a

construção do seu perfil. A escola deve ser um local de oportunidades, não de oposição ao crescimento da criança.

A tarefa de educar torna-se mais suave quando a família faz a sua parte. Ela não tem mais um chicote às mãos, como nas décadas passadas. Tem acesso às informações e às leis que regem pais e filhos. Lei de proteção à criança e adolescentes, foram criadas, para que os pais se apropriem da nova pedagogia para com os filhos. Porém isso não pode ser visto como forma de tirar a autoridade dos pais, tampouco à do professor. Muito pelo contrário dá novas formas de convivência e direitos mútuos, entre pais e filhos, educadores a educandos, resguardando-se a hierarquia em sua devida estância. É necessário uma reaprendizagem comportamental das famílias e escola, para a aprendizagem e crescimento da criança.

Os grandes responsáveis pela educação dos jovens, a família e a escola, não estão sabendo cumprir o seu papel. O que se observa hoje é a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola. [...] muitos alunos não respeitam seus professores, e essa indisciplina prejudica o ensino e a aprendizagem. (TIBA, 1996, P. 11).

O problema da agressividade em sala de aula passa pelo professor que ainda não aderiram à Pedagogia crítica. O educando não pode se desenvolver nem aprender, se não lhe é dado uma postura crítica, e com mais afinco, essa postura deve está no professor. Até para se proteger frente a tantas leis de proteção ao aluno. Escola sem professores críticos está fadada à mesmice do tradicionalismo.

Estas são tempos difíceis para educadores e defensores e defensoras da educação democrática nos Estados Unidos. Pressionado pelas crescentes forças do profissionalismo e pelas guerras culturais, os futuros professores e professoras encontram-se numa encruzilhada ideológica quanto às responsabilidades cívicas e políticas que assumem ao se considerarem não só professores críticos comprometidos, mas também teóricos culturais. (IMBERNÓN, 2006, P. 65).

As pessoas, diariamente, são levadas a fazer uma leitura de mundo. Ao acordar já se depara com as primeiras ações a realizar, ao mesmo tempo liga a televisão e a notícia está no ar, falando dos acontecimentos, do comércio, de como se comportou a bolsa de valores. No entanto é preciso se voltar para os textos escritos, para uma leitura reflexiva crítica. É isso que os professores devem fazer a respeito dos textos referentes ao comportamento, focalizando sua clientela, o aluno.

A leitura, além de desempenhar esses papéis na incorporação do indivíduo aos processos de recriação de cultura, de fazer com que o leitor possa sentir-se no presente possuidor do passado e capacitar para participação na esfera do público, tem valor decisivo na construção do espaço da subjetividade da individualidade, do pensamento abstrato, crítico e reflexivo e da autonomia do homem e da mulher modernos. Ler é desenvolver a racionalidade, que é dinâmica e é exercida no fato de raciocínio, enquanto se dialoga com o lido. (IMBERNÓN, 2008, P. 47).

A nova pedagogia não veio para tirar a autoridade do educador (aqui entendido, pais e professores), nem colocá-los a mercê dos agressores, como se diz no popular, *servir de sacos de pancadas*, porém mostrar novas formas de comportamento sem necessidade castigar o aluno. Aliás, nos dias de hoje existem leis até para proibir o castigo dos animais, no entanto não é justo que o perfil comportamental do educador, torne-o submisso aos comportamentos compulsivos de certos alunos.

Limite não é castigo

Devemos mostrar que limite não é castigo. É ensinar que as pessoas não podem nem são capazes de dizer tudo que queremos. É estabelecer algumas regras de convivência um grupo que a criança vai aprender a distinguir entre o que ela quer e o que outro quer. O que ela pode e o que não pode fazer.

O que é importante é que estas regras sejam claras, firmes e cobradas de forma sempre igual, todos os dias. (ROSSINI, 2007, P.23).

Embora o tema para a dissertação esteja dirigida para a agressividade, neste capítulo tratou-se de como poderia ser evitada a violência, embora essa pesquisa não tenha o propósito de fornecer receita para a cura desse mal chamado violência.

## **5.2 CAPITULO II - ANÁLISE SOBRE O TEMA VIOLÊNCIA**

### **5.2.1 Agressividade ou Atos de Violência**

Existem inúmeras formas de violência ao ser humano. Pode-se citar uma das principais, quando um governante cria leis autoritárias, impedindo o cidadão de ir e vir e, pior, de expressar seus sentimentos. O Brasil viveu vinte anos mergulhado nesse sistema perverso, onde a escola parecia mais um quartel ou uma caserna, pois até as palavras proferidas pelo cidadão tinha que ser limitadas, melhor dizendo, o toque do silêncio no sistema de aprendizagem caiu como uma mordança. Um

monólogo foi imposto às escolas, pois competia ao professor, muitas vezes submisso, medir bem as palavras para não ferir o soberano ditador. Diálogo era uma palavra suspeita e uma ação que poderia levar o sujeito do discurso à prisão, de onde poderiam desaparecer para sempre. Como aconteceu com alguns educadores.

Existem maior agressividade ou violência? Este mal perdurou por vinte anos em nossas escolas e ainda tem seu ranço.

Debarbieux (1998) considerou que as mobilidades, classificadas por ele como violência anti-sociais e antiescolares, podem ser traumáticas, sobretudo quando se dá de forma banalizada e são silenciadas, visando proteger a escola. Segundo Bourdieu (2001), elas seriam possibilitadas por um poder que se nomeia, que se deixa assumir como conivente e autoritária. Assim, professores não vêem, não reclama e as vítimas não são identificadas como tais. Um exemplo seriam as manifestações de racismo, em que seria comum a cumplicidade assumida entre jovens, adultos, alunos e professor. (ABRAMOVAY, 2002, P.24).

Do ponto de vista psicanalítico, tivemos Freud fazendo estudos sobre o mal-estar, e esse comportamento se expandiu e a psicologia não conseguiu bloquear essa progressão, porque na atualidade agigantou-se o problema do mal-estar, invadindo o espaço cultural. Por isso:

A interpretação da cultura é uma das temáticas mais tradicionais de “aplicação” da psicanálise. Inaugurada e propagada por Freud, constitui um dos pontos fundamentais de circunscrição do campo de saber psicanalítico. Embora tenha sido alvo de críticas contundentes por parte de cientistas sociais [...] a relação entre psicanálise e cultura tem sido resgatada nos últimos anos por vários autores, principalmente por aqueles que se inserem na linhagem da psicanálise francesa. (BIRMAN, 2001, P.185).

Embora algumas pesquisas tenham sido feitas a respeito da violência na escola, não foram suficientes para mudar o perfil adequadamente nos currículos. Por isso testemunhamos tanta violência, quando o povo resolve fazer uma passeata e desviam o foco do problema para a depredação do Patrimônio Público.

Embora esses estudos sejam incipientes, por focarem, em grande maioria, situações regionais ou localizadas, os resultados obtidos apontam os principais tipos de violência: ações contra o patrimônio (depredação, pichações etc.), na década de 1980, bem como as formas de agressão interpessoal, principalmente entre os próprios alunos, na década de 1990 (ABRAMOVAY, 2009, p. 26).

Há uma grande lacuna no currículo escolar, além do seu aspecto físico. A escola não se preparou para receber o jovem, o infantil e o adolescente, pois nunca houve uma preocupação de inserir em seu currículo, pontos fundamentais no seu cotidiano escolar.

Desde a escola nova, a expressão e a cultura infantil e adolescente têm seu lugar assegurado na escola, sem que a escola tenha incorporado, verdadeiramente, essa expressão e essa cultura em seu projeto pedagógico. Assim, principalmente quando os valores da cultura jovem, isso em todos os grupos sociais e não só nos menos favorecidos, excluem a lógica da integração em passagens ao ato, agredindo a escola e, sobretudo, os professores. (SOUZA, 2008, P. 20).

No panorama geral, percebe-se que atualmente todas as ciências tem se voltado para o problema da violência, embora seja um problema apontado pela Antropologia, pela História, pela Geografia (a luta inglória contra a latifúndio), e em especial a filosofia, principalmente agora que os seres humanos andam sob a mira da bomba.

Segundo a filósofa Maria Lúcia de Arruda Aranha, “é comum identificar a violência a atos explícitos de uso da força física que atingem as pessoas no seu cotidiano, tais como roubos, sequestros assassinatos e, em dimensão coletiva, a guerra e a ameaça onipresente do terrorismo”. No entanto, há outras expressões de violência que não nos aparecem tão claras, e por isso mesmo supõem uma conscientização maior dos indivíduos.

Por exemplo, a violência oculta, que resulta da sociedade injusta porque incapaz de distribuir suas riquezas materiais e simbólicas de maneira equitativa. E também os arraigados preconceitos, herdados desde a infância e que provocam a segregação de grupos inteiros. A constatação dos tipos de violência que nos atingem nos remete para uma reflexão sobre o desejo de paz. Não a paz imposta pela força, “a paz dos cemitérios”, mas aquela que é fruto da concórdia: a paz construída por todos. (MARTINS, 2007, P. 1/4).

Um tipo de violência que tem mais facilidade de locomoção na sociedade é a violência estrutural ou branca, que causa lesão psicológica para depois chegar ao corpo, na forma de injustiça, fome, abandono e outros males que afeta a personalidade e a saúde do sujeito.

A violência estrutural vem sendo definida como aquela violência que se origina nas estruturas sociais e econômicas desiguais e injustas, reproduzindo-se através delas. Falamos aqui da violência da pobreza, da miséria e da desigualdade onde as vítimas são coletivos humanos e os agressores são indefinidos, despersonalizados e desmaterializados.

Mas falemos também das diferentes formas de discriminação e preconceito que se enraízam nas relações sociais. “É muito mais sutil, porque não salta

à vista; passa despercebida como se apenas resultasse da ordem natural das coisas; não da ação humana intencional” (ARANHA, 1997) apud (MARTINS, 2017, P. 2/4).

A educação não pode se dobrar aos modelos burgueses. Ela tem que se libertar, esse foi por muito tempo um elemento psicológico de violência ao estudante. Muitas escolas traziam as escondidas seu currículo oculto, alicerçado no poder de dominação, bloqueando a liberdade, o que tanto inquietou Paulo Freire.

Freire em Educação como Liberdade informa:

Uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa abertura à compreensão das estruturas sociais como modos de dominação e violência (...). A experiência brasileira nos sugere algumas lições curiosas, às vezes até surpreendentes em política da educação popular. Foi-nos possível esboçar, através de trabalho de Freire, as bases de uma verdadeira pedagogia democrática. Foi-nos possível, além disso, começarmos, com o movimento de educação popular, uma prática educativa voltada de modo autêntico, para a libertação das classes populares. Freire, (1984) apud Scocuglia, (2003, P. 47).

A educação no Brasil, por vários motivos não avança progressivamente, ou seja, não é uma educação que se possa chamar progressista. Embora se tenha tentado, não houve êxito, pois a sociedade brasileira não se preparou para isso.

Segundo Lourenço e Mori (2014) A educação progressista é um arquétipo educacional que busca a mudança social através da educação; é um modelo que reflete sobre as realidades sociais e sobre o que cada pessoa pensa sobre essas realidades. (SOBRINHO, 2017, P. 2).

Uma agressão, muito comum na escola, são os rótulos. Parece que não faz mal, porém atinge psicologicamente o ego do sujeito rotulado. O educando, inadvertidamente rotula determinados professores, às vezes sem perceber, deixando sequelas.

Que atire a primeira pedra aquele que, envolvido na encenação do drama escolar nosso de cada dia, não tenha cometido o pecado da rotulação, e que atire a segunda, aquele que, na mesma condição, não perdeu a fé, ao menos uma vez, nas iniciativas moralistas, maniqueístas e politicamente corretas com as quais a escola procura simplesmente conter as manifestações da sombra de seu ego institucional, ensinando, assim, as novas gerações a dissimularem a aparência do bem, para evitar entrar no cerne das questões concretas que a pressionam de dentro para fora. (TOMAS, 2010, P. 10)

A cultura pós-moderna ainda blinda o homem, como proprietário do poder e as escolas de forma subjetiva, arrogam-se donos desse poder sobre os alunos. E o aluno, com sua carga de aprendizagem extra-escola, reage e isso chega ao ponto de violência devolvida ao professor, dentro da própria escola, pois.

[...] a fragmentação da subjetividade trouxe como reação o autocentrismo do sujeito no eu, porém de uma forma distinta do individualismo moderno. Se a subjetividade moderna constitui-se no duplo registro da interioridade e da reflexão de si mesmo, a subjetividade contemporânea sustenta o paradoxo de um autocentrismo voltado para a exterioridade, em que a dimensão estética, dada pelo olhar do outro, ganha destaque. (BIRMAN, 2001, P. 186).

Com respeito aos limites, isso deve ser bem dominado pelo professor. Direitos e liberdade não podem ser confundidos com libertinagem, pois todo ser humano gosta de ter um líder que sabe lhe mostrar o fim do caminho. Isto deve começar em casa, com os pais e, por extensão, continuar na escola.

Nos dias de hoje, o professor deve ser um “líder”. Deve saber que liderança não se impõe, se conquista. Na sala de aula, ele representa a direção, a própria família. Ali ele é o “dono da lei”! Deve ter qualidades humanas imprescindíveis num educador de hoje; equilíbrio emocional, responsabilidade, caráter, alegria de viver, ética e principalmente gostar de ser professor. (ROSSINI, 2007, P. 44).

Muito se preocupou com a questão da violência, a psicanálise, no momento crucial da Segunda Guerra Mundial, quando Hitler ameaçava a dignidade humana e espalhava sua tirania no mundo todo, começando com a tentativa de extinção dos judeus.

Um bom exemplo da preocupação dos psicanalistas com a subjetividade da época é o texto “A agressividade em psicanálise (Lacan, 1948/1988) escrita no pós-guerra. Segundo Miler (1999), naquela época o mundo estava perplexo com os feitos de Hitler, mas os europeus ainda permaneciam muito apreensivos em relação a Stalin e àquilo que os Estados Unidos poderiam fazer para proteger a Europa, já que se conhecia o que ocorrera em Hiroshima. Eram tempos em que os “PSI” se voltavam para a questão. Aliás, não só Lacan escreveu sobre o tema. Todos o fizeram, conforme enfatiza Miller, Hertmann, Lowensteein e Kis, defensores da psicologia do eu, como mostra o texto” Notas sobre lá teoria de La agresión” publicada em 1949 (Miller, 1991) apud (FERRARI, 2006, P. 52).

A educação tem um papel fundamental, ou primordial na formação do ser humano. Deve formar o homem total, saudável e feliz. Dar os elementos básicos

para que o homem possa manipular em seu favor e em favor outro, não é com agressão que se consegue isso.

As finalidades da educação parecem estar mais claras do que nunca, já que ela se transformou em um requisito indispensável para se viver em nossa sociedade e que o conhecimento é a grande produção do nosso tempo – “a sociedade do conhecimento” é uma mensagem na moda neste momento. No entanto quero chamar a atenção sobre outros aspectos da educação, sobre outras necessidades, que de fato me parece muito, mais urgente. E não por desprezar o conhecimento, a educação deve formar indivíduos capazes de buscar e manejar por sua conta os conhecimentos que lhes sejam necessários, operação muito diferente da de transmitir conhecimento propriamente. (IMBERNÓN, 2008, P. 196.)

A rigidez dos conteúdos, a postura intransigente de alguns professores, soa como violência contra os alunos, que, porquanto não toleram e reagem violentamente.

A recomendação dos psicólogos e pedagogos para que os professores “tornem as aulas motivadoras, abandonem conteúdos rígidos, ensinem tudo que possa transformar em vida e brinquedo” – soa quase como afronta aos professores, injunção paradoxal, essa de dizer para professores deprimidos que suas aulas devem ser interessantes. E que tira do professor sua razão de existir – transformando-o em simulacro de animador, ao qual é pedido que se esforce para concorrer com a televisão. (SOUZA, 2008, P. 22).

Toda violência escolar está estampada na lei do bullying e as ações, muitas vezes, são provenientes da própria escola. É o que se pode chamar violência interna. Quando se juntam a externa e a interna pode resultar em grande prejuízo à educação. Daí pode surgir prejuízos físicos e psicológicos.

Na realidade brasileira, as relações estabelecidas na comunidade escolar no desenvolvimento das atividades pedagógicas estão permeadas, de modo contundente ou sutil, por variadas formas de violência reproduzindo a vida social, extramuros escolar. A violência escolar tem suscitado investigações não apenas em razão da contradição que ela representa em relação à missão educativa da escola, mas também pelas consequências em longo prazo que dela pode ocorrer. (MALTAS, 2009, P. 2).

O problema da violência escolar tem raízes culturais e é, também, um fruto da psicopatologia, por muito tempo o aluno tem se considerado vítima, sofredor em consequência do comportamento do professor, esta ação em sala de aula, tem gerado uma energia psicopatológica. O aluno devolve com força redobrada, essa ameaça a sua integridade.

Birman traz uma série de contribuições importantes para o campo das psicopatologias contemporâneas, quer seja na circunscrição da problemática das toxicomanias, quer seja na denúncia da medicalização social.

Atualmente há um paradoxo nas leis criadas para proteger a aprendizagem do aluno. Tal lei tem levado muitos professores a promoverem alunos despreparados. Assim não correm o risco de serem considerados incompetentes. O aluno, por sua vez, vendo-se peça desse jogo de mentiras, cai em depressão.

A depressão que toma conta dos educadores tem raízes históricas e políticas, todos concordam. Contudo, é necessário emprestar maior nitidez e discernimento no desvendamento da rede discursiva endereçada aos professores. Nesses últimos anos, tais discursos oscilaram entre dois extremos – ou se considerava os dados fatalmente já jogados antes que se abrissem os portões da escola, ou se tomava ingenuamente o primeiro dia de aula como a primeira manhã do mundo. Se de um lado o discurso sociológico desobrigava os professores de compromisso, o discurso psicopedagógico paralisava os professores pela culpa. (SOUZA, 2008, P. 22).

Logicamente a violência externa é lavada para dentro do âmbito escolar, tornando-se interna, mas muitas delas tiveram origem na própria escola. Quando o aluno sente-se hostilizado pelo professor, reage agressivamente.

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessa seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendradas nas especificidades das relações escolares como agressões morais, psicológicas e físicas, discriminação racial, de gênero, política e de opção sexual; incentivo e reforço a estereótipo; institucionalização de avaliação predominantemente ou apenas quantitativas e com estímulo à mera competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares. (MALTA, 2009, P. 2).

No entanto, os atos de violência não são recentes. O ser humano quando nasce traz toda uma carga hereditária dois pais, e ainda aprendem com a sociedade e com os pais, a praticarem a violência. A sociedade capitalista vezes utiliza-se dessa violência para sobrepujar o sujeito que vive sob o signo desse sistema econômico.

No contexto escolar, considera-se que existe tanto a violência na escola como a da escola. A primeira se refere às violências produzidas fora da escola e que atravessa seus muros. A segunda se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares, engendradas nas

especificidades das relações escolares como agressões morais, psicológicas e físicas, discriminação racial, de gênero, política e de opção sexual; incentivo e reforço a estereótipo; institucionalização de avaliação predominantemente ou apenas quantitativas e com estímulo à mera competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares. (MALTA, 2009, P. 2).

Pelo exposto, percebeu-se que as escolas sempre tiveram medo de assumir que em seu meio os alunos praticam violência contra os professores.

Não é suficiente apenas selecionar disciplinas e entregar aos professores, sem um preparo psicológico para quem vai se dedicar ao ensino. Muitos professores revêm o texto sobre seus direitos e deveres, bem como direitos e deveres do aluno. Quem sabe se com isso a escola assume melhor o seu papel e ajude a diminuir a violência em seu seio. A função da escola é construir, através da aprendizagem, então que seja essa uma primordial preocupação, a construção por inteiro.

### **5.3 CAPÍTULO III – CONCEITUANDO VIOLÊNCIA ESCOLAR**

#### **5.3.1 - Fragmentos de uma Visão Psicanalítica**

Do ponto de vista psicanalítico, a força do capitalismo é uma mola mestra geradora de violência. No meio social ela age de forma perniciosa, mas não é só isso, vai muito além. Por isso:

Responsabilizar ou culpabilizar o capitalismo, a globalização ou a tecnocracia não resolve o problema, pois ainda restaria explicar como se constitui esta realidade explicitamente devastadora da ordem dos discursos que, como dela participamos e o que nela realizamos do desejo e do gozo. É preciso também dizer que o discurso da tecnocracia capitalista está sujeito a irônicas contradições, pois, sem dúvida, o progresso engendrado pela tecnologia tem seus encantos (TEIXEIRA, 2008, P.2).

A linguagem é um veículo poderoso no campo da violência. Por isso o sujeito e sociedade formam um elo forte para esse comportamento, segundo Ferrari (2006. P. 51) Na psicanálise, a violência é vista sempre em um referencial que mostra o encontro com a linguagem não é sem consequência para o humano.

O eu é depositário desse comportamento, e isto foi observado por Freud e Lacan, nos seus estudos psicanalíticos, pois Ferrari (2006. P. 51), com referência à

agressividade, tanto Freud quanto Lacan situam-na como constitutiva do eu, na base da constituição do eu e na sua relação com seus objetos.

Nenhum comportamento humano está ausente de fatores psíquicos, e a psicanálise mergulhou fundo nesse tipo de comportamento, com seus desvios, suas frustrações, suas carências e suas transferências. A agressividade ou violência é um ato de transferência, pois quem a pratica está tirando, de si, resíduos de uma aprendizagem dolorosa. Por isso:

Estudar psicanaliticamente a dimensão subjetiva da violência requer um retorno ao conceito de pulsão de morte postulado por Freud na segunda tópica. Partimos precisamente da revisão realizada pelo autor no texto “o mal-estar na civilização” (1930[1929]), quando adotou o termo pulsão destrutiva e admitiu a presença imperativa da difusão das pulsões erótica e destrutiva, em todos os âmbitos, especialmente no clínico. Consideramos que ainda nesse texto Freud realiza significativo acréscimo ao conceito de pulsão de morte ao atribuir a esta nova instância psíquica, o superou, a responsabilidade dos destinos da destrutividade. Da agressividade e da crueldade do falante. (TEIXEIRA, 2008, P.2).

As sociedades primitivas já utilizava o poder da força bruta, para demonstrar sua superioridade. A violência contra a mulher nasceu desde o período do homem da caverna, quando ele cuidava da caça, da pesca e obrigava a mulher a executar as tarefas de “casa”. Assim

O tema da violência e do poder adquiriu e se mantém na atualidade como tema predominante de grande intensidade e repercussão na discussão de sociólogos, filósofos, antropólogos, psicanalistas, políticos, autoridades policiais, juristas, cientistas e religiosos. O conceito fundamental da ciência social é o poder, no mesmo sentido em que a energia é o conceito fundamental da física e o *inconsciente* da psicanálise. (CHAVES, 2008, P. 12)

O sujeito excessivamente autoritário, além de ter a sensação de poder, que caminha para a pulsão, não deixa também de criar uma situação de prazer. Ele, do mesmo jeito que busca, no cotidiano, o prazer sexual, aproxima o prazer da violência no ato sexual. Por isso

Rapidamente, tornou-se evidente, em Freud, que é necessário localizar a pulsão de morte, destrutiva, não em zonas específicas do corpo, porém nas manifestações sintomáticas atribuídas ao superior e ao que supostamente aí se realizada ordem de certa satisfação colocada para além do princípio do prazer, satisfação que, sem dúvida, está no corpo, porém de modo muito particular: o masoquismo, a melancolia, a neurose obsessiva, a reação

terapêutica negativa, as compulsões e impulsões [...] além de outras modalidades de violência. (TEIXEIRA, 2008, P. 3).

No ensino tradicional, muitas vezes a professora se masculinizou para representar o poder e dominação, dentro da sala de aula; pois a sociedade patriarcal sempre outorgou esse poder ao homem, inclusive é em suas mãos que gira o capital.

Em função da predominância masculina nos universos do poder – que levou, entre outros efeitos, à exclusão histórica das mulheres do espaço público – somos remetidos ao fenômeno cunhado pelas ciências sociais como dominação masculina (Cf. BOURDIEU, 2003). O fenômeno cujo exame decidiu privilegiar é composto, contudo, de diferentes formas de manifestação de violência, sendo que, no que diz respeito à violência sexual, não há como contestar as evidências de que os homens compõem a imensa maioria dos agressores Cf. Balier, (2000, 2006) Minayo, (2005) apud Chaves (2008, P. 13)

No mundo do crime o grande percentual de agressividade está no homem. A mulher agressiva ou violenta aprendeu essa ação com o homem. Quando, por exemplo, a mulher vai a guerra, normalmente vai como voluntária, para cuidar dos soldados feridos e enfermos.

Configura uma realidade observável, na maioria das culturas, através da história da humanidade. As condutas agressivas, especialmente quando se evidenciam através de descarga muscular violenta, são tidas “como formas de expressão tipificadas como masculinas” (BURIN & MEMER, 2000, p. 199). Archer e Lloyd (2002) pontuam o fato de que a maioria dos crimes violentos e homicídios são perpetrados por homens, geralmente jovens. Considerando a presença da violência em nossas sociedades, 14 Welzer-Lang destaca o fato de que esta violência é, “antes de tudo, e principalmente, masculina. Ou seja, exercida pelos homens” (WELZER-LANG, (2004) apud (CHAVES 2008, P. 13).

Quando o professor fica diante de uma turma, vê sua própria imagem como detentora do poder, e não mede esforços para continuar no pedestal. Quando ele é agredido por um aluno, ele procura utilizar uma arma para não perder seu poder. Por isso Chaves afirma:

Para Freud, é um “princípio geral que os conflitos de interesse entre os homens são resolvidos pelo uso da violência” (loc. cit.). As comunidades humanas abrangem, desde seus primórdios, elementos de força desigual, sendo paradigmática a desigualdade entre homens e mulheres e entre pais e filhos. Seja pelo exercício da força bruta ou de imposições apoiadas no intelecto, à violência assume os contornos do exercício de poder e dominação dos fortes sobre os mais fracos. (CHAVES, 2008, P. 18)

Essa ação ou comportamento agressivo foi tratado por Freud como teoria das “pulsões” de vida e pulsões de morte. Na pulsão de vida explora o erotismo e a da morte a destruição. Ora mesmo na da morte, contém o erotismo, porque o homem a utiliza por prazer.

No ano em que foi escrita a “carta a Einstein”, Freud já havia promovido a grande “virada” em sua teoria das pulsões, ocorrida em 1920, tendo como fundamento a oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. A segunda teoria pulsional sustenta que “as pulsões humanas são apenas de dois tipos: aquelas que tendem a preservar e a unir – que denominamos ‘eróticas’ (...); e aquelas que tendem a destruir e matar, as quais agruparam como pulsão agressiva ou destrutiva” (FREUD, 1933 [1932] /1976, op. cit., p. 252). No texto de 1932, o “desejo de agressão e destruição” que permeia as relações humanas é atribuído ao trabalho da pulsão de morte. (CHAVES, 2008, P. 18).

Quando a palavra se torna ineficiente surge à violência como expressão da precariedade. A violência tomando a força do discurso, mediante os sentimentos de abandono que se apodera do sujeito.

Os sentimentos de abandono e desamparo intensificam-se na medida em que a insegurança. A incerteza e a imprevisibilidade passam a compor o universo representacional dos sujeitos na sociedade contemporânea. Apesar de jamais ter existido um tempo de certeza, segurança e previsibilidade nas relações humanas, no momento atual ampliam as situações de risco e vulnerabilidade onde os sujeitos passam a sentir-se sob permanente ameaça, contando com a possibilidade real de serem golpeados, por conhecidos e desconhecidos. A qualquer momento, tamanha é a fragilidade dos laços e vínculos sociais que marca o nosso tempo. (VASCONCELOS, 2005, P. 2)

Trabalhando com pesquisa sobre o comportamento humano, Freud também dissertou sobre a agressividade como pulsão sexual. O ato agressivo alimenta o prazer instintivo infantil.

Visando discriminar os componentes da sexualidade infantil, é introduzido o conceito de pulsão parcial, que remete a uma geografia corporal que vai especificar a pulsão em função de sua fonte somática. Dentro da perspectiva freudiana do apoio – que focaliza em prioridade a função somática, colocando em segundo plano o papel do outro dos cuidados com o bebê – este esquema não se ajusta, precisamente, à “pulsão de crueldade”. Tal constatação levará Freud a certa, elasticidade no que diz respeito às fontes somáticas e às zonas erógenas, culminando no argumento de que todo o corpo constitui uma zona erógena. (CHAVES, 2008, P, 30)

Assim foram vistas a várias facetas da violência, com seus conceitos básicos dentro de uma sociedade capitalista.

#### 5.4 CAPÍTULO IV – \* ANALISANDO O OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Está tão presente o caso de violência que não se pode deixar de mencionar esse acontecimento de uma professora que sofreu atentado de um aluno muito jovem. Isso foi amplamente divulgado pela imprensa. Onde e quando ele aprendeu isso?

Professora é envenenada por aluno em Nazaré da Mata. A equipe da Delegacia de Nazaré da Mata investiga uma suspeita de envenenamento contra uma professora dentro de uma escola pública do município nesta quinta-feira. Segundo informações preliminares, duas crianças de 10 e 11 anos e um adolescente de 13 anos teriam colocado chumbinho dentro da garrafa d'água da docente em sala de aula. Os três são alunos da professora. Até o momento, não foi registrada uma queixa formal sobre o caso, mas a Polícia Civil de Pernambuco informou que já abriu inquérito para investigar o caso. O **Diário de Pernambuco** confirmou que a professora foi internada e já recebeu alta do Hospital Ermírio Coutinho, mas a unidade de saúde não forneceu mais detalhes. Segundo a polícia, um agente que compareceu ao Hospital Ermírio Coutinho para verificar a situação da professora também recebeu a informação da alta e obteve uma cópia do prontuário. No documento, o médico registrou o caso como suspeita de envenenamento, mas, depois de administrar medicações não especificadas, deu alta à paciente. Testemunhas disseram que a educadora passou mal após beber uma água durante a aula. Para a polícia, a educadora confirmou a informação. Segundo ela, os três alunos costumam causar problemas na sala devido ao comportamento. Agentes estiveram no local, colherem materiais e encaminharam ao Instituto de Criminalística. Ainda de acordo com a polícia, foi cumprido o procedimento padrão do Ceatox para casos de envenenamento. O delegado Rommel Ricardo, titular da Delegacia de Nazaré da Mata, é o responsável pelas investigações. As identidades dos alunos estão sendo preservadas.

Por: Osinaldo Moraes

Publicado em: 31/08/2017 21h57min Atualizado em: 31/08/2017 23h08min

Esse aluno teve uma aprendizagem anterior para chegar a esse ponto. Tanto a sociedade midiática quanto a família contribuíram para que esse menino esquecesse os princípios de direitos individuais e de que quem comete um crime deve pagar por ele. Muitas vezes, a própria escola enche tais agentes de direitos e esquecem de ensinar-lhe os deveres. Não é preciso ensinar com violência ou agressão porque isso eles aprendem rápido. É preciso insistir em humanizar as crianças para que elas não cresçam mergulhadas na marginalidade e no crime.

É no convívio social que o sujeito constrói sua identidade. Na relação com os amigos, com seus pais, com seus parentes ele vai, pouco a pouco construindo sua história. Parte dessa história ele constrói na escola, junto aos professores e colegas. Tudo depende do capítulo da sua história, que traz, de casa, sua evolução escolar.

A construção da subjetividade do sujeito, desde os seus primórdios, está diretamente relacionado às características intrínsecas do indivíduo, à sua história, à sua qualidade dos vínculos afetivos e do contexto sociopsicológico-econômico-político-cultural no qual ele está inserido e ao processo educacional. (LEVISKY, 2002, P.99).

Esse mundo de base capitalista sobrevive nos alicerces de uma guerra. Uma não várias guerras, bem diferentes daquelas dos tempos passados, graças ao auxílio da tecnologia. A violência é filha do capitalismo, sistema voraz, que violenta o explorado, para benesses do explorador. O explorado, luta pelos seus direitos que o explorador tenta subtrair, para acúmulo de mais capital.

O panorama geral das guerras atuais e, mais ainda, a comparação com as guerras ocorridas em tempos anteriores, favorecem a percepção de que, sob características diferenciadas no tempo e no espaço, a partir de diferentes interesses e motivações: posse de terras ou recursos naturais, ideologias de caráter político ou religioso, quando ocorrem grandes conflitos, sejam eles armados ou não, entre nações ou entre grupos divergentes dentro de uma mesma nação, e até entre pequenos grupos divergentes de um grupo maior, os enfrentamentos apresentam características muito semelhantes do ponto de vista da dinâmica que se instala e dos recursos utilizados no confronto no intuito de ganhar na luta ou na disputa pelos interesses – apelam para manifestações extremadas de violência. (VIEIRA, 2007, P. 11)

Há teóricos que nivelam a violência ao medo, com isso pode-se concluir que a prática da violência é mais uma explosão do medo, Medo que se esconde nos labirintos da sociedade, oriundos dos mais variados segmentos, tem muito a ver com a vida sedentária que se leva na atualidade, onde o homem não tem tempo a perder. Tem que acompanhar os passos da máquina, dando guarida à “lei da mais valia” que fez o homem valer menos que essa máquina.

Hoje em dia multiplicam-se os casos de neurose e psicose, graças ao alvoroço em que se encontra o ser dentro da sociedade. Nos veículos de divulgação psicanalíticos, situa-se trabalhos que buscam explorar as relações entre o sofrimento psíquico na atualidade (novas formas de psicopatologia).

Preocupado com essa questão, Lacan (1948/19980 até esboçou uma clínica diferencial entre neurose e psicose, por meio da noção de intenção e tendência agressiva. Na neurose, a agressividade se apresenta mediante a intenção agressiva. É intencional porque supõe um querer dizer, mas, paradoxalmente, uma vontade de impedir o sentido. Há intenção de significação nessa agressividade, isto é, na neurose é decifrável como um sintoma. Assim, ela é forma de comunicação com o outro, o que levou Lacan a desenvolver a noção de reivindicação, depois transformada em demanda, ou seja, em dirigir-se ao outro pedindo algo do que se julga merecedor. Já na psicose, há tendência agressiva, vinculada ao *Kakon*, a algo objetivado, algo que não conta com uma interpretação. (FERRARI, 2006, P. 52).

Nesta mesma perspectiva Birman (2007) dá a sua “contribuição para a interpretação psicanalítica da cultura”:

Uma decorrência direta dessa interpretação, que parte da analogia entre plano do social e da psicopatologia, é a conclusão de que a ética da violência que caracteriza o mal-estar na atualidade deve ser entendida no campo da anulação da alteridade do outro e de sua utilização como objeto de privação e gozo. Não sendo à toa, portanto, que as chamadas psicopatologias contemporâneas se organizem em torno dessa problemática. (BIRMAN, 2007, P. 186).

Com esse embasamento teórico concluiu-se a parte concernente à teoria, quando se buscou a metodologia.

## **6 METODOLOGIA**

### **6.1 Métodos e Material**

A pesquisa do problema da violência abraçando o ponto de vista dos professores, alunos e outros agentes envolvidos, é muito importante, porque além de traduzir o sentido que cada um dá ao comportamento agressivo dos outros exprime uma parte da sua representação da realidade, e ainda porque essa mesma “representação” veste-se de elemento importante do contexto. Desta forma, a presente pesquisa foi desenvolvida tendo em vista as opiniões de professores sobre esta temática, permitindo-se analisar diferentes concepções, todas elas com a sua importância e seu respectivo contributo.

Utilizou-se o Método Qualitativo com aplicação do Estruturalismo Fenomenológico, devido à variedade de atividades realizadas durante a ação pesquisadora, enaltecendo o problema do discurso dos sujeitos da análise. Discurso

aliado à prática no seu cotidiano, o mundo da prática humana, que são agentes de uma representação de mundo, aqui contextualizada. Segundo Richardson (1999, P. 8) “O homem não pode viver sem uma representação de mundo a sua ideologia. Essa representação ideológica está na base do Estruturalismo.

Também, para a análise do problema, lançou-se mão da interdependência e totalidade, por isso cabe muito bem o estruturalismo. Jean Pavillon (1966) apud Richardson (1999, p. 8) disserta que este método implica um duplo registro: interdependência e totalidade. Assim buscou-se “a pluralidade das possíveis interpretações de Mukarowsk (1935) embora sabendo que o “objeto estético é apenas aquilo que as interpretações individuais e necessariamente subjetivas de um determinado grupo, de receptores têm em comum”.

Segundo Vargas (1981, p; 450, A fenomenologia é a ciência dos fenômenos puros. Uma ciência do espírito absolutamente auto-suficiente”. (HURSSSEL, 1935) apud Eagleton (1985, P, 59).

Necessário se fez utilizar o Estruturalismo porque sendo a pesquisa qualificativa, precisou de uma análise das estruturas, pois segundo Eagleton (1983, P.100/ 101):

O estruturalismo, como a palavra mostra, ocupa-se das estruturas é, mais particularmente, do exame das leis gerais pelas quais essas estruturas funcionam. Como Frye, o estruturalismo também tende a reduzir os fenômenos individuais a meros exemplos dessas leis. Mas o estruturalismo propriamente dito encerra uma doutrina característica que não existe em Frye: a convicção de que as unidades individuais de qualquer sistema só tem significado em virtude de suas relações mútuas.

Em se tratando de uma pesquisa com ser humano, não podia se desconhecer a importância do significado das imagens e símbolos. Desta feita não se pode desconhecer o estruturalismo de Claud Levi-Strauss, pois segundo Richardson (2008, P. 39), tal estruturalista “foi o primeiro a aplicar o estruturalismo à Antropologia”.

Esta pesquisa visa despir o homem da ocultação de suas estruturas mentais.

O estruturalismo trabalha basicamente com estruturas mentais (representações) e suas invariantes históricas. Para o estruturalismo, os fenômenos fundamentais da vida humana são determinados por leis de atividades inconscientes. Portanto, o centro não é o indivíduo, mas o inconsciente como sistema simbólico. (RICHARDSON, 2009, P. 39).

Observou-se o comportamento dos professores e alunos durante as oficinas, para uma análise comportamental a propósito do método selecionado. Segundo Strauss (1980, P. 11 e 14) apud Richardson, (2009) “ O Estruturalismo tem por tarefa identificar os níveis de realidade que tem o valor estratégico do ponto de vista em que se coloca.

O procedimento da análise, segundo Richardson (2009, P. 42):  
1 questionar os fatos observados para descrevê-los em, se é pertinente ao conjunto. 2 eliminar os fenômenos não pertinentes, ou seja, decompor os fenômenos estudados. 3 estudar os fenômenos a partir de unidades menores. 4 considere as manifestações empíricas vivíveis e suas relações, teoricamente estabelecidas.

Logicamente, concordamos com Eagleton (1983, P. 60), quando diz que “a fenomenologia é a ciência dos fenômenos puros, pois segundo ele mesmo, compreender qualquer fenômeno de maneira total e parcial é aprender o que nele há de essencial e imutável.

Todo exposto, veio direcionar essa pesquisa, que teve como objeto o ser humano e cujo objetivo foi arrancar de dentro do sujeito, contra si, o outro que se ocultava por trás das convenções do homem rústico.

## **6.2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO**

Foi feita uma sondagem nas Escolas Municipais Dr. Manuel Borba, Escola Municipal IV Centenário e Escola Municipal Edith Gadelha. As duas primeiras, na Sede do Município e a terceira no Distrito de Pontas de Pedra. Escolhidas aleatoriamente, tendo como sujeitos envolvidos diretores, professores e alunos das escolas citadas.

Escola Municipal Dr. Manuel Borba localiza-se na Praça Frei Caneca, S/N, Centro. Ocupa uma área de 2.000 metros quadrados. Conta com 14 salas de aulas, funcionando com Fundamental do 1º ao 9º Ano, com turma pela manhã, tarde e Noite, a noite conta com turmas da EJA. Comporta 282 alunos nos turnos manhã e tarde, mais 30 na EJA. Pela manhã funciona com turmas do 1º ao 9º Ano, à tarde com turmas de 6º ao 9º ano e a noite com EJA. Corpo docente composto de 29 professoras Uma Diretora, uma Vice-diretora e duas Coordenadoras Pedagógicas, mais auxiliares, totalizando 12 funcionários administrativos.

Escola Municipal IV Centenário localiza-se, na Rua Nova S/N – Centro, Ocupa uma área de 1.600 metros quadrados. Conta com 12 salas de aulas, 12 turmas pela manhã 12 pela tarde. funcionando com o Fundamental II e Ensino Médio. Comporta um total de 529 alunos nos turnos manhã, tarde e noite. Pela manhã funciona o Fundamental I, a tarde Fundamental II e Ensino Médio, a noite Ensino Médio. Corpo docente composto de 29 professores. Um Diretor uma Vice-Diretora e três Coordenadores Pedagógicos e auxiliares, totalizando 17 funcionários administrativos.

Escola Municipal Edith Gadelha localiza-sena Praia de Pontas de Pedra. Com uma área de 1.800 metros quadrados. Conta com 20 Salas de aulas nos turnos manhã, tarde e noite. Pela manhã funciona o Fundamental I e II, pela tarde funciona Fundamental II e a noite Fundamental II e Ensino Médio, perfazendo um total de 900 alunos. Corpo docente composto de 9 professores e 7 professores. Uma Diretora, uma Vice-Diretora, Dois coordenadores Pedagógicos e auxiliares, totalizando 12 funcionários administrativos.

As primeiras intervenções de observação nas escolas IV Centenário, Manuel Borba e Edith Gadelha, foram realizadas através de perguntas e respostas do questionário preparado pelo pesquisador, além de entrevistar o corpo docente, fez uma análise reflexiva sobre as respostas. Foi planejada uma bateria de questionários aplicados no professor, acompanhado do compromisso de valorizar e enaltecer cada ação.

Primeira atividade foi o pesquisador se deslocar até as escolas selecionadas com a carta de anuência, solicitando a aplicação dos questionários. Foram dados uma semana para o professor devolver os questionários respondidos.

Os questionários foram compostos de dezesseis quesitos, mais seis subquesitos, a saber:

## **MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA VENI CREATOR CHRISTIAN UNIVERSITY**

### **Questionário sobre violência na escola, respondido pelo professor**

Por gentileza responda Sim ou Não e às vezes complemente com o porquê.

1 – Sob sua perspectiva, existe violência ou não na sua escola? Sim - Não,

Por que?

2 – A Indisciplina leva ou não à violência?

3 – Existem professores ou funcionários que implicam com os alunos?

4 – A escola tem investido esforços para resolver o problema da violência?

4.1 – Como?

5 – No seu prisma e dos funcionários em geral, existem maneiras do jovem ocupar seu tempo na escola?

5.1 – complete sua resposta com uma descrição:

6 – Em sua opinião e dos servidores a escola oferece segurança para o aluno?

6.1 – Por que?

7 – Existem motivos para os alunos se comportarem com violência?

Se sim, cite alguns:

8 – Existe Regulamento Interno em sua escola?

9 – Os alunos sabem ou não da existência de um Regulamento Interno?

10 – Alguém explicou ao aluno como comportar-se na escola?

11- Todos os alunos pretendem continuar estudando nessa escola?

11.1- Por que?

12 – É importante a escola ter um Regulamento escolar?

12.1 – Por que

13 – O professor acha importante a definição das regras durante a primeira semana de aulas com os alunos?

13.1 – Por que?

14 – Como professor (ou administrativo) da escola, já sofreu grande ameaça por parte do aluno?

14. 1 – Se sofreu, que tipo?

15 – É papel de o professor tentar minimizar a violência?

15.1 – Por que?

16 – Descreva: a quantidade de alunos na escola, quantidade por sala, faixa de idade, percentual de sexo.

MUITO OBRIGADO PROFESSOR.

A carta de anuência será adicionada no apêndice.

Obs. Para salvaguardar a identidade do professor, foi dado um número, para cada um que respondeu, a partir de 01(um) em diante, em cada escola.

### 6.3 APLICAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS NAS ESCOLAS

#### 6.3.1 Escola Manuel Borba:

TABELA 1 - ESCOLA MANUEL BORBA

PROF	IDADE	GÊNERO	TURNO	SIM	NAO	CURSO
1	34	Fem.	Man.	2, 5, 6, 10, 11, 12,13	1, 3, 4,7. 8,9,14	Pós
2	28	Masc.	Man.	2, 5, 6, 10, 11, 12, 13,15	1, 3, 4, 7, 8, 9,14,	Grad.
3	42	Fem.	Man.	5, 6, 10, 11, 12, 13,15	1, 3, 4, 7, 8, 9,14,	Grad.
4	32	Fem.	Man.	1, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13,15	2, 3, 7, 12,14	Pós.
5	29	Fem.	Tarde	1, 2, 5, 6, 9, 10, 11, 13,15	3, 4, 6, 8, 9, 12,14	Pós.
6	42	Masc.	Tarde	5, 6, 7,10. 11.12.13.14,15	1, 2, 3, 4, 8, 9, 11,13	Grad.
7	25	Fem.	tarde	1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 13,15	3, 4, 8, 11, 12, 13,15	Grad.
8	28	Masc.	Man	2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13,15	1,3,4,8,9,14	Grad.
9	47	Fem.	Noite	1,2,4,5,6,8,10,11,12,13	3,7,9,14,15	Pós.
10	30	Masc.	Noite	1, 3,5,6,8,10,12,13,14	2,4,7,9,11,15	Grad.

FONTE: o Autor (2017).

#### APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS NA ESCOLA IV CENTENÁRIO

TABELA 2 - ESCOLA IV CENTENÁRIO

PROF	IDADE	GÊNERO	TURNO	SIM	NAO	CURSO
1	35	Fem.	Manhã	1,2,4,5,8,9,10,12,13,15	3,6,7,11,14,	Pós.
2	42	Masc.	tarde	1,2,4,5,7,8,10,12,13,15	6,9,11,14	Grad.
3	29	Fem.	tarde	1,2,5,8,9,12,13,14,15	3,4,6,7,10,11,	Grad.
4	37	Masc.	tarde	1,2,4,5,6,7,8,9,10,12,13	3,11,14,15	Pós.
5	25	Fem.	manhã	2,5,6,10,11,12,13,15	1,3,4,7,8,9,14	Grad.
6	38	Fem.	manhã	1,3,4,5,6,8,9,10,13,14	2,7,11,12,15	Grad.
7	42	Masc.	manhã	2,3,5,7,8,9,10,12,14,15	1,4,6,11,13,	Pós.
8	29	Fem.	tarde	1,2,4,5,7,9,10,11,12,14	3,6,8,13,15	Grad.
9	25	Fem.	manhã	1,2,3,5,6,9,10,11,12,13	4,7,8,14,15	Pós.
10	50	Fem.	tarde	1,2,4,6,7,9,10,12,13,14	3,5,8,11,15	Grad.

FONTE: o Autor (2017).

#### APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS NA ESCOLA EDITH GADELHA

TABELA 3 - ESCOLA EDITH GADELHA

PROF	IDADE	GÊNERO	TURNO	SIM	NAO	CURSO
------	-------	--------	-------	-----	-----	-------

1	22	Masc.	Tarde	2,5,8,9,10,12,13,15	1,3,4,6,7,11,14	Grad.
2	15	Fem.	Tarde	2,5,6,8,9,10,12,13,15	1,3,4,7,11,14	Pós.
3	32	Masc.	Tarde	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Grad.
4	40	Fem.	Tarde	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14,	Magistério
5	42	Masc.	Tarde	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Grad.
6	28	Masc,	Manhã	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Pós.
7	26	Fem.	Manhã	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Grad.
8	33	Fem.	Manhã	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Grad.
9	29	Masc.	Manhã	1,2,3,5,7,8,10,11,12,13,15	4,6,9,14	Grad.
10	30	Fem.	Manhã	1,2,5,7,8,10,12,13,15	3,4,6,9,11,14	Pós.

FONTE: o Autor (2017).

## 7. RESULTADOS

### 7.1 Análise dos Resultados:

#### 7.2 Escola Manuel Borba

Na pesquisa desta a escola, percebe que as questões positivas aparecem, na sua maioria, à questão 1: apareceu cinco vezes sim e cinco vezes não. Logo, está apresentando 50% acha que existe violência nessa escola 50% acha que não.

- No quesito 2; 60% concorda que a indisciplina leva à violência, enquanto 40% acha que não.
- Quesito 3: 10 % afirmam que existem professores que implicam com o aluno, porém 90 % afirmam que não.
- Quesito 4: 20 % afirmam que a escola tem investido no problema da violência, 80 % afirmam que não.
- Quesito 5: 70 % afirmam que existem maneiras do jovem aplicar seu tempo na escola 30% afirmam que não.
- Quesito 6: 100 % afirmam que a escola oferece segurança para os alunos.
- Quesito 7: 30 % afirmam que existem motivos para o aluno se comportar com violência. E 70% afirmam que não.
- Quesito 8: 30% afirmam que existe regulamento interno na escola e 70% afirmam que não.
- Quesito 9: 20% afirmam que os alunos sabem da existência desse regulamento e 80% afirmam que não
- Quesito 10: 100% afirmam que explicou ao aluno como comportar-se.

- Quesito 11: 80% afirmam que os alunos pretendem continuar estudando nessa escola e 20% afirmam que não.
- Quesito 12: 60% confirmam que é importante ter o regulamento escolar e 40% afirmam que não.
- Quesito 13: 100% confirmam que o professor acha importante a definição das regras no início das aulas.
- Quesito 14: 20% confirmam que já sofreram grandes ameaças por parte dos alunos 80% confirmaram que não.
- Quesito 15: 70% confirmam que é papel do professor tentar minimizar os problemas de violência, 30% confirmam que não.

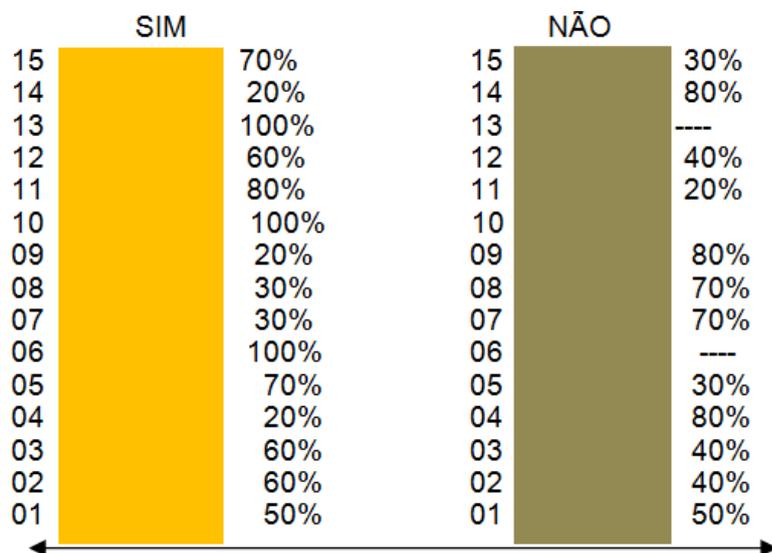
Obs.: as respostas complementares 4 professores (40%) responderam: Porque sua escola é um ambiente agressivo. No quesito 4.1, como? Não houve resposta. No quesito 6.1, 30% responderam, porque a escola instrui. No quesito 11.1, 60% responderam, porque a escola é boa. Quesito 12 ninguém respondeu por que é importante conhecer o regulamento.

- No quesito 13.1 70% responderam porque ajuda a manter a disciplina.
- Quesito 14.1 ninguém respondeu o tipo de ameaça que sofreu.

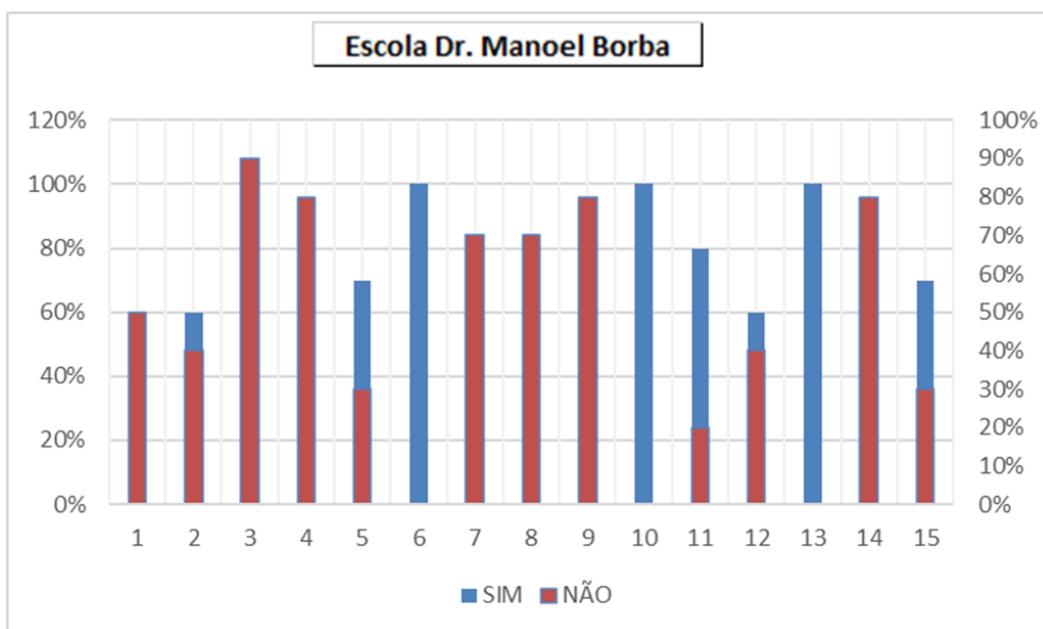
Finalmente quesito 15.5 60% respondeu porque minimizando a violência, se trabalha melhor.

A escola apresenta 60% de professores graduados e 40% Pós-graduados. O quadro de professores é formado por 50% masculino 50% feminino.

GRÁFICO 1 - ESCOLA MANUEL BORBA



FONTE: o Autor (2017).



### 7.3 Escola IV Centenário

Apresentou o seguinte resultado:

- Quesito 1: 80% confirmaram que existe violência na sua escola, e 20%, que não existe.
- Quesito 2: 90% confirmam que a indisciplina leva à violência 10% confirmam que não.
- Quesito 3: 60% confirma que funcionários e professores implicam com os alunos 40% confirmam que não.
- Quesito 4: 60% confirma que a escola tem investido para resolver o problema de violência 40% confirmam que não.
- Quesito 5: 90% confirmam que existem maneiras do aluno ocupar seu tempo e 10% confirmam que não.
- Quesito 6: 50% confirma que a escola oferece segurança para o aluno, 50% confirma que não.
- Quesito 7: 50% confirma que existem motivos os alunos se comportarem com violência 50% confirmam que não.
- Quesito 8: 60% confirmam que existe regulamento interno na escola, e 40% confirmam que não.
- Quesito 9: 80% confirmam que os alunos sabem da existência de um regulamento Interno e 20% confirmam que não.
- Quesito 10: 90% confirmam que alguém explicou ao aluno como se comportar na escola e 10% confirmam que não.
- Quesito 11: 30% confirmam que os alunos pretendem continuar estudando nessa escola 70% confirmam que não.
- Quesito 12: 90% confirmam que é importante a escola ter um regulamento e 10% confirmam que não.
- Quesito 13: 80% confirmam que é importante a definição das regras no início das aulas 20% confirmam que não.
- Quesito 14: 50% confirmam que o professor já sofreu grande ameaça por parte do aluno e 50% confirmam que não.

- Quesito 15: 50% que o professor tenta minimizar a violência e 50% confirmam que não.

Com respeito aos subquesitos surgiram as seguintes respostas:

1.1 : Porque o ambiente oferece essa condição.

4.1: Dando conselhos.

5.1: Ninguém fez a descrição.

6.1: Não tem policiamento / não temos tempo/ não há como.

11.1: Livre escolha.

12.1: Documento sempre é importante.

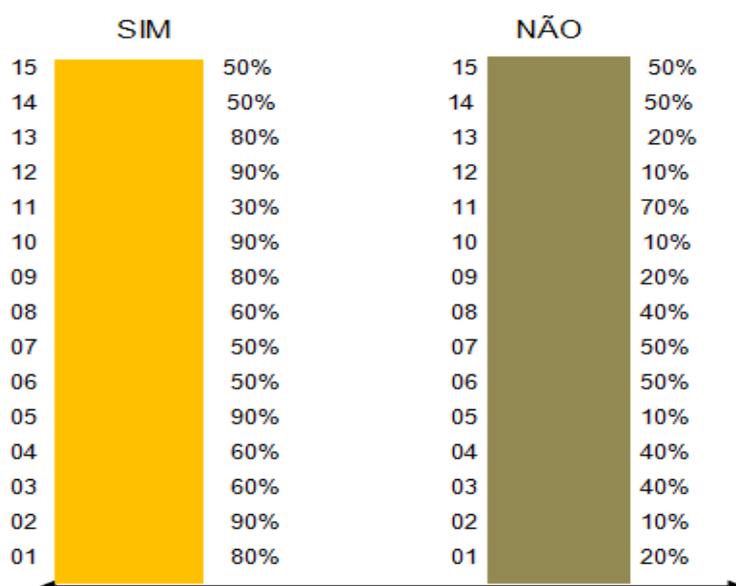
13.1: Para se prevenirem.

14.1: Violência verbal/ Carro riscado ...

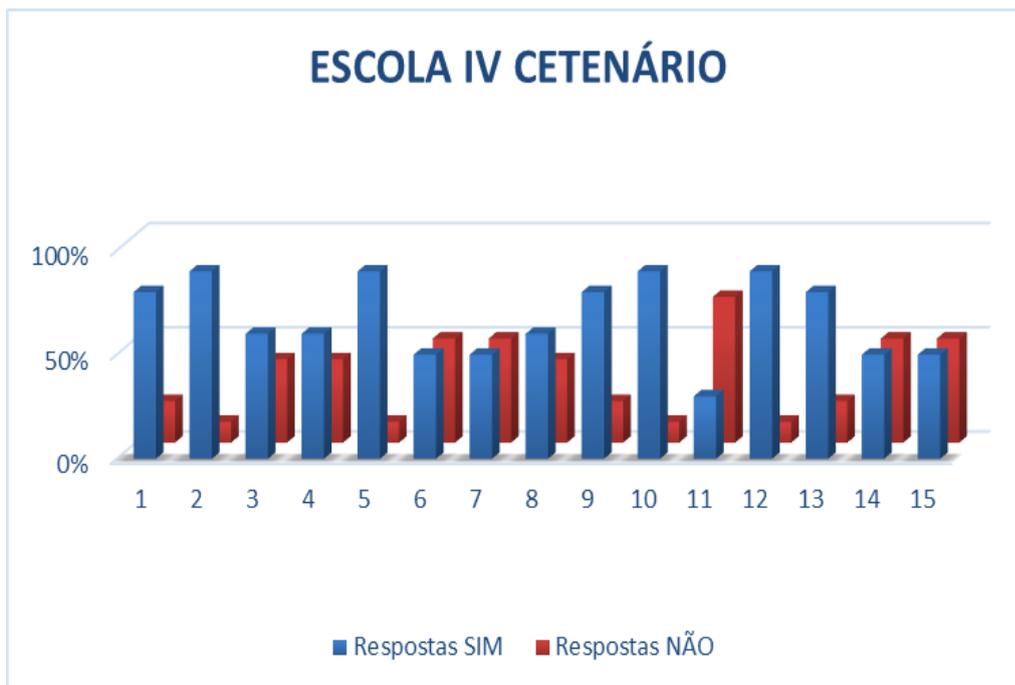
15.1: Para salvar sua pele/ para evitar o pior.

O quadro apresenta 30% de professores masculinos e 70% feminino, sendo 40% pós-graduados e 60% graduados. Inclusive a Coordenadora tem especialização Psicopedagogia.

**GRÁFICO 2 - ESCOLA IV CENTENÁRIO**



FONTE: o Autor (2017).



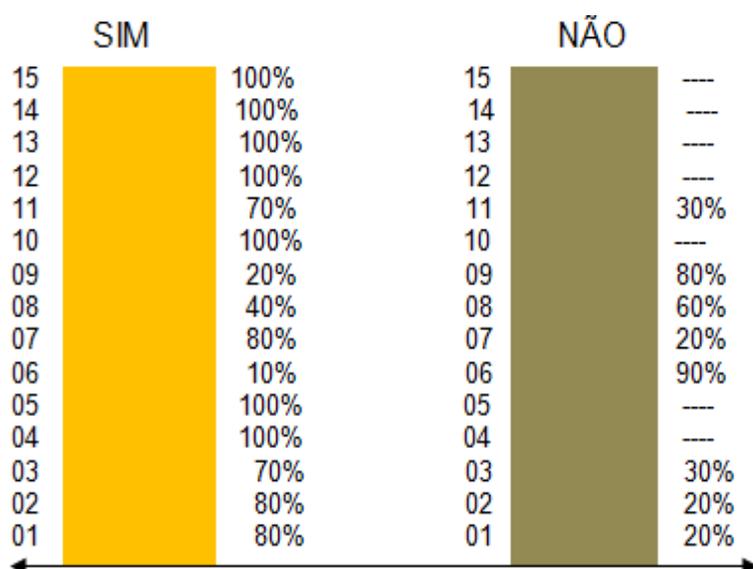
### 7.3 Escola Edith Gadelha

Apresentou o seguinte resultado:

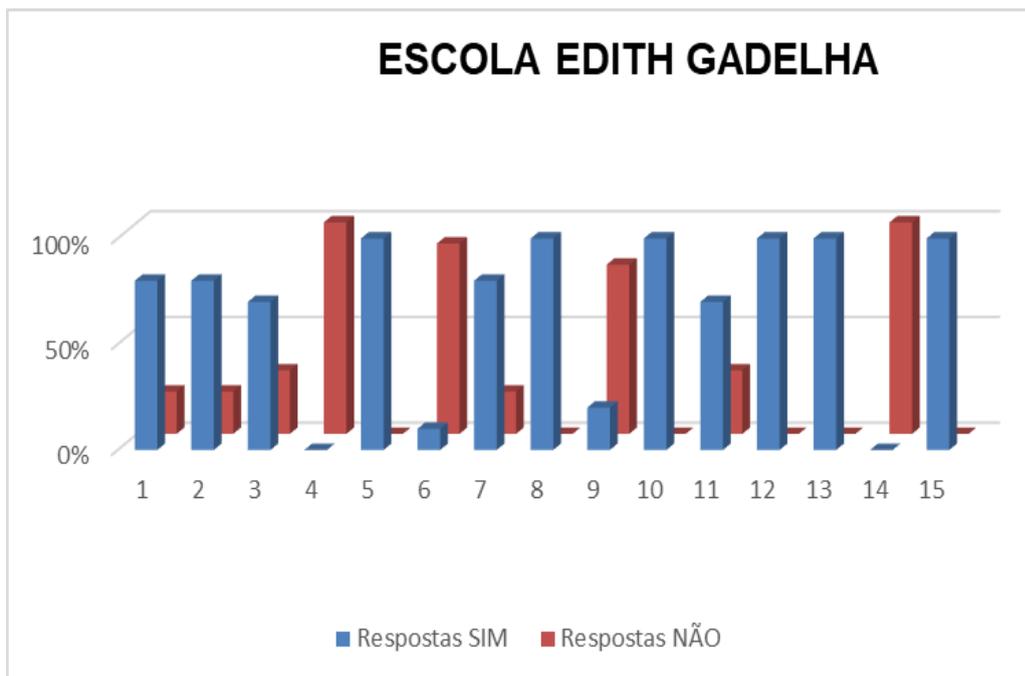
- Quesito 1: 80% confirmaram que existe violência na sua escola e 20% confirmaram que não.
- Quesito 2: 80% confirmaram que a indisciplina leva à violência e 20% confirmaram que não.
- Quesito 3: 70% confirmaram que funcionários implicam com alunos e 30% confirmaram que não.
- Quesito 4: 100% confirmaram que a escola não investe esforços para resolver os problemas.
- Quesito 5: 100% confirmam que existem maneiras do jovem ocupar seu tempo na escola.
- Quesito 6: 10% confirmam que a escola oferece segurança para o aluno, 90% confirmam que não.
- Quesito 7: 80% confirmam que existem motivos para os alunos se comportarem com violência 20% confirmam que não.
- Quesito 8: 100% confirmam que existe Regulamento Interno na sua escola.

- Quesito 9: 20% confirmaram que os alunos não sabem da existência do regulamento Interno e 80% confirmaram que não.
- Quesito 10: 100% confirmaram que alguém explicou ao aluno como se comportar na escola.
- Quesito 11: 70% confirmou que todos os alunos pretendem continuar estudando na sua escola e 30% confirmaram que não.
- Quesito 12: 100% confirmaram que é importante ter um Regulamento interno.
- Quesito 13: 100% confirmaram que é importante a definição das regras na primeira semana de aulas.
- Quesito 14: 100% confirmam que não sofreu grande ameaça pelos alunos.
- Quesito 15: 100% confirmam que é papel do professor tentar amenizar a violência.

**GRÁFICO 3 - ESCOLA EDITH GADELHA**



FONTE: o Autor (2017).



Com respeito aos subquestos observou-se:

1.1 : 40% responderam: existe, mas não é tão grave.

4.1 : apenas 10% respondeu: não tem violência aqui na escola.

5.1 : 10% respondeu: com projeto em educação; 50% respondeu: falta de interesse do município.

6.1 : 10% respondeu: falta de iluminação que prejudica a segurança durante o período da noite. 10% respondeu: com vigilante na portaria. 50% respondeu: pela dimensão estrutural da escola, ela precisa mais de um guarda municipal.

7.1 : 40 respondeu: educação familiar, más influências.

11.1: 50% respondeu porque tem boa localização. 10% respondeu: falta de materiais, iluminação, banheiros inadequados...

12.1: 50% respondeu: para sua própria autonomia. 10% respondeu: para se manter a disciplina de educação e regulamento da escola. 10% respondeu: porque toda escola que tem regimento funciona melhor.

13.1: 10% respondeu: porque os alunos já irão se adaptando ao sistema. 10% respondeu: para motivá-lo a manter as regras da escola. 50% respondeu: é preciso ter regras e tem que ser cumprida.

14.1: não houve comentários.

15.1: 50% respondeu: porque orientar é importante. 10% respondeu: para não ser agredido. 10% respondeu: porque somos portadores de conhecimentos. 40% respondeu porque orientar é preciso, 10% respondeu: orientar é importante.

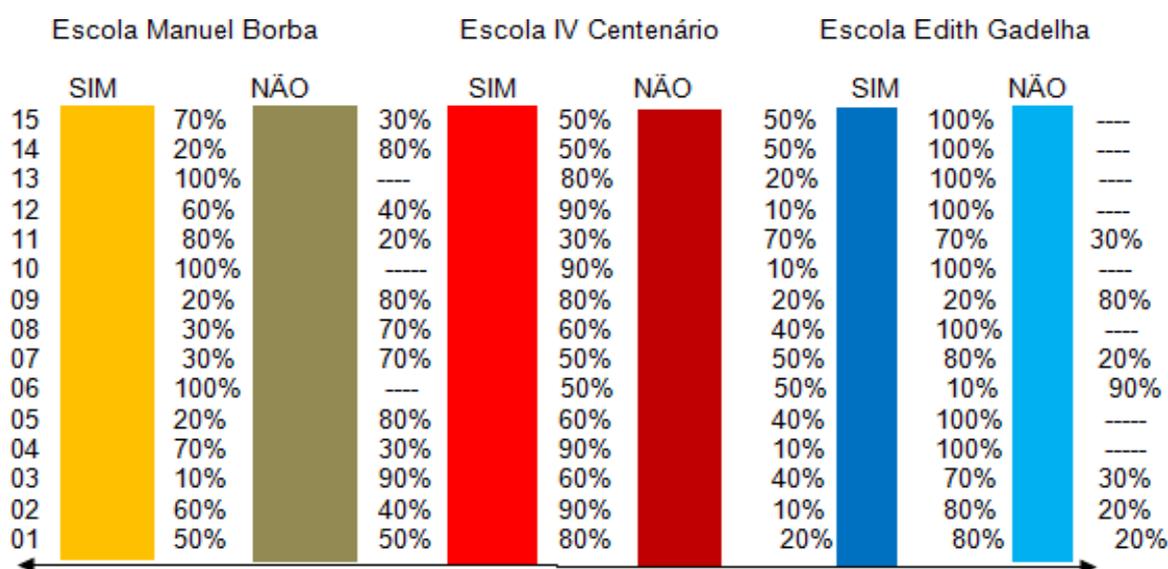
#### 7.4 COMPARANDO AS ESCOLAS:

TABELA 4 - COMPARAÇÃO DAS ESCOLAS

Quesito	Esc. Manoel Borba		Esc. IV Centenário		Esc. Edith Gadelha	
01	50% sim	50% não	80% sim	20% não	80% sim	20% não
02	60% sim	40% não	90% sim	10% não	80% sim	20% não
03	10% sim	90% não	60% sim	40% não	70% sim	30% não
04	70% sim	30% não	90% sim	10% não	100% sim	-----
05	20% sim	80% não	60% sim	40% não	100% sim	-----
06	100% sim	-----	50% sim	50% não	10% sim	90% não
07	30% sim	70% não	50% sim	50% não	80% sim	20% não
08	30% sim	70% não	60% sim	40% não	100% sim	-----
09	20% sim	80% não	80% sim	20% não	20% sim	80% não
10	100% sim	-----	90% sim	10% não	100% sim	-----
11	80% sim	20% não	30% sim	70% não	70% sim	30% não
12	60% sim	40% não	90% sim	10% não	100% sim	-----
13	100% sim	-----	80% sim	20% não	100% sim	-----
14	20% sim	80% não	50% sim	50% não	100% sim	-----
15	70% sim	30% não	50% sim	50% não	100% sim	-----
<b>Média Geral</b>	<b>54,66%</b>	<b>45,33%</b>	<b>67,33%</b>	<b>32,66%</b>	<b>80,66%</b>	<b>19,33%</b>

FONTE: o Autor (2017).

GRÁFICO 4 - COMPARAÇÃO DAS ESCOLAS



FONTE: o Autor (2017).

Percebe-se uma diferença entre as três escolas:

Percentual de sim:

- Escola Manuel Borba - 54,66%
- Escola IV Centenário - 67,33%
- Escola Edith Gadelha - 80,66%

Percentual de não:

- Escola Manuel Borba - 45,33%
- Escola IV Centenário - 32,66%
- Escola Edith Gadelha - 19,33%

	SIM	NÃO
Escola Manuel Borba	54,66%	45,33%
Escola IV Centenário	67,33%	32,66%
Escola Edith Gadelha	80,66%	19,33%

Percebe-se que a Escola Edith Gadelha foi a que mais confirmou a existência do problema de violência, com 80,66%. A Escola IV Centenário aparece em segundo lugar, com 67,33%; enquanto a Escola Manuel Borba foi a que apresentou-se mais tímida, com 54,66%. No entanto, esses percentuais, todos os três acima de 50%, veio comprovar que realmente existe o problema de violência nessas três escolas, e isso é uma amostragem do que existe nas escolas municipais de Goiana-PE.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não resta dúvidas de que nas escolas públicas ainda reside um grande percentual de violência ao professor, que se apresenta de várias formas. A pesquisa aqui foi dirigida a fazer um levantamento dessas agressões porque passa o professor, pois até hoje é só o que se vê nos noticiários, inclusive de grande repercussão.

Apurou-se que são várias as fontes que alimentam o instinto agressivo, termo apropriado advindo da psicanálise

Durante a pesquisa foi percebido, embutida nas respostas dos professores, os atos de agressão contra eles à própria direção da escola, pelos alunos.

Sabe-se que muitos jovens são agredidos dentro de sua própria casa e, com isso, faz a transferência para o professor. Cabe a escola adquirir competências para resolver esse problema em suas dependências. Mas percebeu-se que pelo prisma político, muitas escolas não apresentam sequer estrutura física, para manter os alunos dentro delas.

Um ato agressivo, que sempre povoou as escolas públicas, foi a falta de proteção ao professor, que ainda perdura nos dias de hoje. Ora, se houve agressão, compete à escola analisar o problema e tentar solucioná-lo para proteger essa vítima solitária, chamada professor, e não esconder com receio de desqualificar a escola.

É certo que a escola tem que exercer a verdadeira função de manter os alunos dentro dela. Porém, não é justo que se mantenha com risco para os professores porque não soube fazer um verdadeiro planejamento, visando evitar esse e outros problemas que tem comprometido a escola.

A escola tem que entender que o aluno é sua matéria prima para construir cidadãos cultos e saudáveis, e não dobrar-se diante de atitudes antissociais desse mesmo aluno.

Tem que investir no acabamento desses cidadãos que, embora um ser inacabado, como afirma Freire (1983) cumpre à escola trabalhar no aperfeiçoamento do ser embora se saiba que jamais chegará ao acabamento final. Com certeza haverá um grande avanço nessa trajetória do acabamento, quando o professor poderá cumprir sua função com desembaraço mais amor.

Sem escola que vise o lado humano do sujeito, não há criação do cidadão e, com agressividade, não se consegue abrir caminho. Haverá sim, um grande bloqueio na trajetória e desenvolvimento, fatalmente.

Um cidadão que na escola é bem preparado e tem uma maior visão de mundo, e se o preparo foi alimentado com gestos de afetividade, ele se torna um cidadão inteiro.

Infelizmente, muita de nossas escolas ao invés de formar deforma; ao invés de agregar, desagrega e ao invés de construir, desconstrói.

De nada adiante alimentar o corpo e deixar faminta a alma. Até o corpo precisa de carícia a afetividade, para alimentar o ego e tornar-se sadio.

É preciso “educar para outro mundo possível”, pegando carona no título do livro de Gadotti, e não é com agressividade que se consegue crescer, principalmente por dentro. Basta de agressividades pois a humanidade tem sofrido muito, tentando suportar a carga do sistema capitalista.

Nas salas de aula pode-se ter as bases para bloquear a agressividade e começar a aplicar as várias atividades lúdicas, tais como as que foram vivenciadas para essa pesquisa. A afetividade se projetando, com certeza não será preciso perguntar, como o fez Gadotti (2007, P. 42);

[...] Devemos mudar o mundo por muitas razões.; Porque o mundo em que vivemos é um mundo onde muitos morrem de fome e muitos morrem de tanto comer. Uns morrem de subnutrição e outros morrem por doenças causadas pelo excesso de alimentação. (GADOTTI, 2007, P. 42/43)

Essas discussões a escola não ousa levar para dentro da sala de aula. Acredita-se que se pode dar a isso o título de agressividade global. “Só porque o capitalismo cria a ilusão de que triunfam os melhores, os mais trabalhadores, os mais diligentes, os mais econômicos” (GADOTTI, 2007, P. 440).

As escolas pesquisadas passaram por uma revisão, mas com certeza não mudaram de um dia para outro, porém já foi possível perceber uma mudança de comportamento, tanto no aluno, quanto no professor, a partir da integração que conseguiram no momento das ações empreendidas no dia a dia. inclusive começaram a ser mais cordiais um com os outros. Impreterivelmente essa ação vai culminar com um melhor aproveitamento escolar.

É preciso “educar para outro mundo possível” sim, porém a escola que também está a serviço do capitalismo, só concretizará o belo sonho de formar o homem com uma vida bela e feliz, quando libertar-se das correntes desse capitalismo e investir no ser humano com muito amor.

Grande contribuição partiu da teoria psicanalítica, que nos estudos comportamentais tem levantado a questão da violência através dos tempos.

Tanto Freud como Lacan, forem hábeis no tratamento do tema, pois a psicanálise trabalha justamente com o comportamento humano, e a violência,

embora faça parte do comportamento dos animais, também está fortemente presente na sociedade dos homens e das mulheres também.

## 9 REFERÊNCIAS

BRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ESQUIERRO, Lilia Maria Cardoso. **Violência na escola: O sistema de proteção escolar do Governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário**. Dissertação de Mestrado apresentada para Centro Universitário Salesiano (**UNISAL**), São Paulo, 2011.

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violência na Escola**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Arte de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CHAVES, Eliana Lorentz. **Violência e Dominação: Uma reflexão psicanalítica sobre a masculinidade**. Rio de Janeiro: UFRJ/JP, 2008-183 f. 29,7 cm.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983.

FERRARI, Ilka Franco. **Agressividade e Violência**. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.18, n.2, p.49-62, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educar para outro mundo possível**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

IMBERNON, F. (Org.) **E Educação no Século XXI – os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KABARITE, Aline e MATTOS Vera. **Psicomotricidade em grupo**. Rio de Janeiro. 2014.

LIMA, Larissa Pinho de Alencar. Violência Escolar – Visão Geral, causas e formas de superação. Disponível em: <https://sites.google.com/a/criticadodireito.com.br/revista-critica-direito/> acesso em 12/12/2017.

MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. **Criar e Brincar. O lúdico no processo de ensino e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Editora Walk. 2014.

MALTA, Debora Carvalho et ali. **Bullying nas escolas Brasileiras: resultado da Pesquisa Nacional de Saúde /PENSE/**, 2009. Ciências e saúde coletiva vol.5 supl2 Rio de Janeiro. Oct.2010.

PIVA, Angela et ali. **Poder e Violência – Forma de Subjeção e desubjetivação**. In **Contemporânea – Psicanálise e transdisciplinaridade**. Porto Alegre: n. 02 abr/mai/jun/ 2007.

REZENDE, Antonio Martinez de e BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário de Latim Essencial**. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry e Colaboradores. **Pesquisa Social – Métodos e Técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SANTOS, Boa ventura de Souza (org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire**. João Pessoa: Editora UFPB, 2003.

SHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SOBRINHO, Ivan Pereira da Silva. **Filosofia da Educação: uma abordagem sobre os Fundamentos da Educação Progressista no Brasil**. Pedagogia.com.br, 2017.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Depressão em Professores e Violência Escolar**. ESDC/CEMORrOC-Feusp/IJI/ Universidade do Porto, 2008.

TEIXEIRA, M.C.S.; PORTO M.R.S. **Violência Insegurança e imaginário do medo**. **Caderno Cedes**, v.19, n.47, p.51-66. Disponível em: <http://www.scielo.org>.

TEIXEIRA, Maria angélica. **A Violência no Discurso Capitalista: Uma Leitura psicanalítica**. UFRJ: 2008. Disponível em [angélica@campopsicanalítico.com.br](mailto:angélica@campopsicanalítico.com.br)

TIBA, Içami. **Disciplina – Limite na Medida Certa**. São Paulo: Editora Gente, 2006.

TOMAZ, Sueli Barbosa. **Imaginário, Educação e Cultura da Escola**. Rio de Janeiro: Editora Rovellet, 2007.

VASCONCELOS, Ruth. **A violência versus insuficiência da palavra e precariedade da ordem simbólica**. NEVIAL, Alagoas, 2005.

## APÊNDICE A - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Venho, por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa: na Escola Municipal Manuel Borba, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, na Secretaria do curso de Mestrado na universidade em epígrafe. CNPJ 19.248.810/0001-90. O objetivo é fazer um levantamento da violência nas escolas

A coleta de dados será realizada pelos pesquisadores e auxiliares através de questionário

Atenciosamente,

.....

Pesquisador  
Responsável

De acordo em     /     /2017

---

(Nome, cargo / carimbo)

**APÊNDICE B - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO**

Venho, por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa: na Escola Municipal IV Centenário, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, na Secretaria do curso de Mestrado na universidade em epígrafe. CNPJ 19.248.810/0001-90. O objetivo é fazer um levantamento da violência nas escolas

A coleta de dados será realizada pelos pesquisadores e auxiliares através de questionário

Atenciosamente,

.....

Pesquisador  
Responsável

De acordo em     /     /2017

---

(Nome, cargo / carimbo)

**APÊNDICE C - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO**

Venho, por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa: na Escola Municipal Edith Gadelha, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, na Secretaria do curso de Mestrado na universidade em epígrafe. CNPJ 19.248.810/0001-90. O objetivo é fazer um levantamento da violência nas escolas

A coleta de dados será realizada pelos pesquisadores e auxiliares através de questionário

Atenciosamente,

.....

Pesquisador  
Responsável

De acordo em     /     /2017

---

(Nome, cargo / carimbo)

## APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO

### MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA VENI CREATOR CHRISTIAN UNIVERSITY

#### Questionário sobre violência na escola, respondido pelo professor

Por gentileza responda Sim ou Não e às vezes complemente com o porque.

- 1 – Sob sua perspectiva, existe violência ou não na sua escola? Sim- Não,  
Por que?
- 2 – A Indisciplina leva ou não à violência?
- 3 – Existem professores ou funcionários que implicam com os alunos?
- 4 – A escola tem investido esforços para resolver o problema da violência?
  - 4.1 – Como?
- 5 – No seu prisma e dos funcionários em geral, existem maneiras do jovem ocupar seu tempo na escola?
  - 5.1 – complete sua resposta com uma descrição:
- 6 – Em sua opinião e dos servidores a escola oferece segurança para o aluno?
  - 6.1 – Por que?
- 7 – Existem motivos para os alunos se comportarem com violência?  
Se sim, cite alguns:
- 8 – Existe Regulamento Interno em sua escola?
- 9 – Os alunos sabem ou não da existência de um Regulamento Interno?
- 10 – Alguém explicou ao aluno como comportar-se na escola?
- 11- Todos os alunos pretendem continuar estudando nessa escola?
  - 11.1- Por que?
- 12 – É importante a escola ter um Regulamento escolar?
  - 12.1 – Por que
- 13 – O professor acha importante a definição das regras durante a primeira semana de aulas com os alunos?
  - 13.1 – Por que?
- 14 – Como professor (ou administrativo) da escola, já sofreu grande ameaça por parte do aluno?

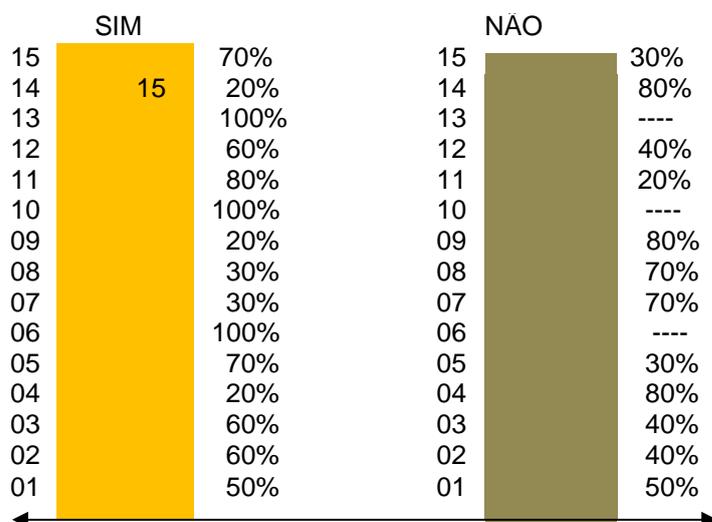
14. 1 – Se sofreu, que tipo?

15 – É papel do professor tentar minimizar a violência?

15.1 – Por que?

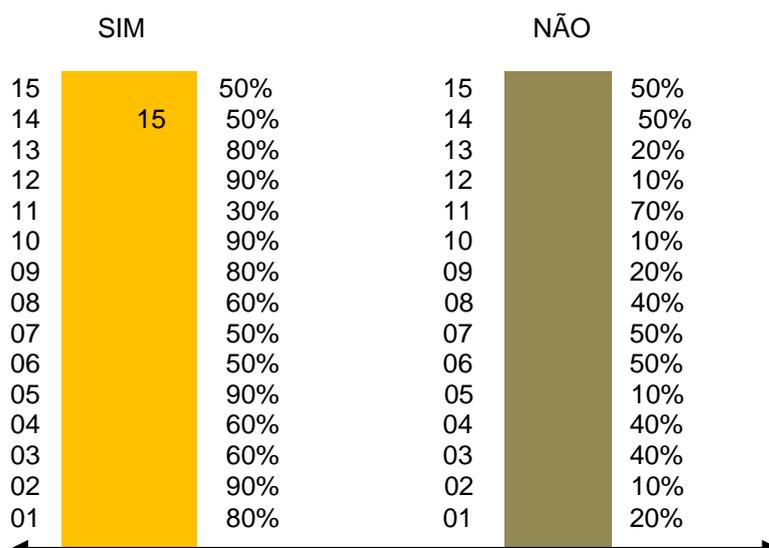
16 – Descreva: a quantidade de alunos na escola, quantidade por sala, faixa de idade, percentual de sexo.

## 5 ESCOLA MANUEL BORBA



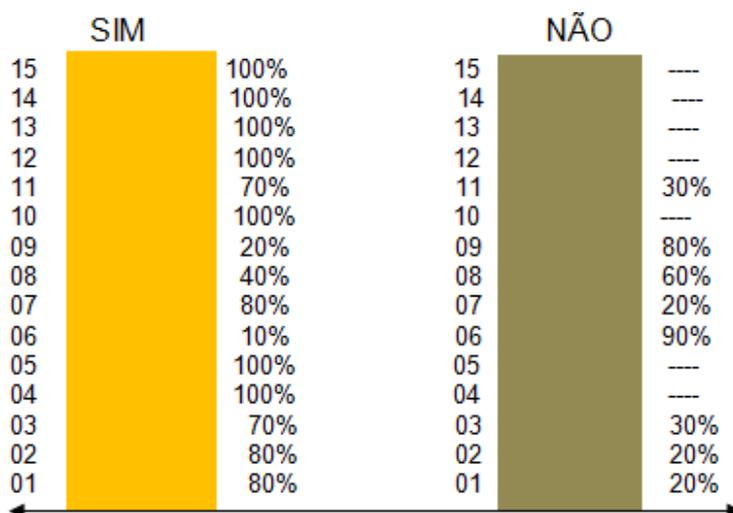
FONTE: o Autor (2017).

## 6 ESCOLA IV CENTENÁRIO



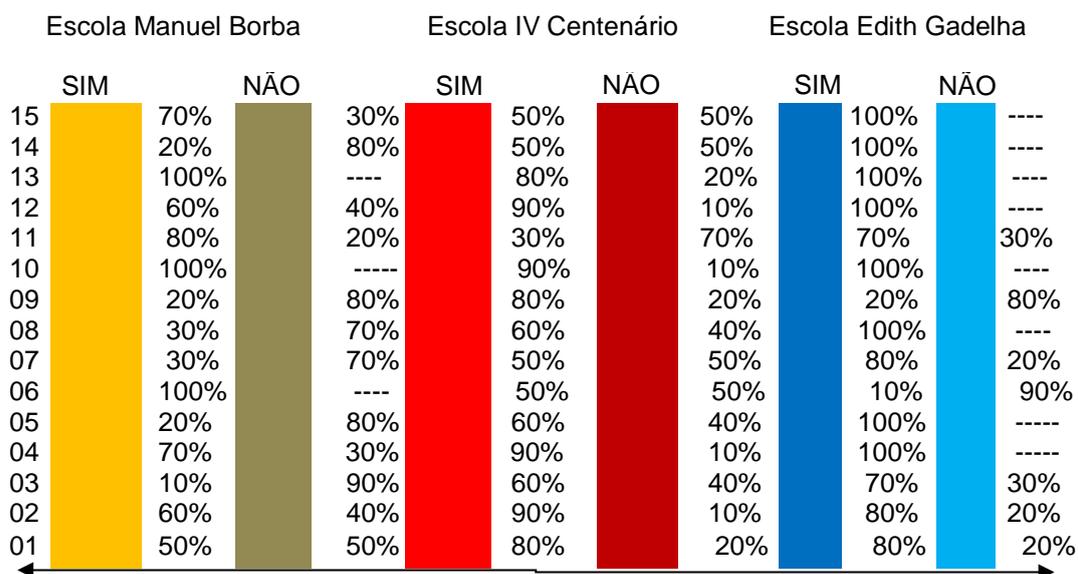
FONTE: o Autor (2017).

## 7 ESCOLA EDITH GADELHA

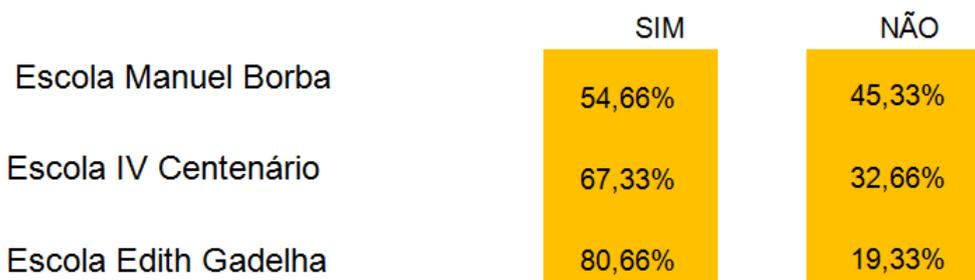


FONTE: o Autor.

## 8 COMPARANDO AS ESCOLAS



FONTE: o Autor (2017).



FONTE: o Autor (2017).